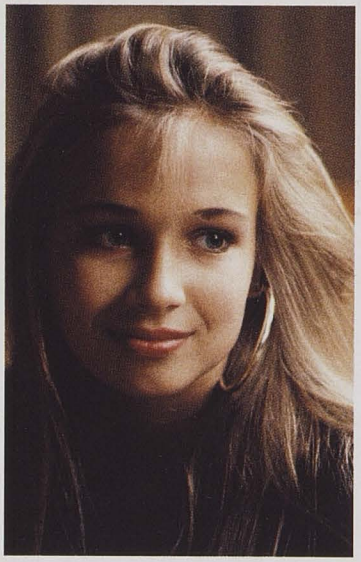
A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • OUTUBRO DE 1992

A LIAHONA

OUTUBRO 1992



Na capa:
Saria Karhunen é um dos mais de 4.000 santos dos últimos dias abençoados pelo evangelho na Finlândia, "um farol no Báltico". Vide páginas 8 e 12. Fotografia da capa, Richard M. Romney.

Capa da Seção Infantil:
Ilustração de Sandy Gagon.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "GRAÇAS DAMOS Ó DEUS, POR UM PROFETA"
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

SUOMI FINLÂNDIA: UM FAROL NO BÁLTICO
GILES H. FLORENCE, JR. 12

O PODER DO COMPROMISSO ASSUMIDO
ÉLDER M. RUSSELL BALLARD 20

"O LIVRO MUDOU MINHA VIDA" LARENE GAUNT 26

WHANG KEUN-OK: ELA CUIDOU DAS CRIANÇAS DA CORÉIA
SHIRLEEN MEEK SAUNDERS 32

"UMA LIÇÃO DE COMPREENSÃO"
GUADALUPE ONTIVEROS ORTIZ 48

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

OUÇAM A CANÇÃO RICHARD M. ROMNEY 8

ÉLDER JO FOLKETT: COMPARTILHANDO A LUZ DO EVANGELHO NA INGLATERRA
ANNE C. BRADSHAW 42

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: REPARTIR OS FRUTOS DO SERVIÇO CARIDOSO 25

SEÇÃO INFANTIL
HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: OS AMLICITAS 2

A BRINCADEIRA DO CÍRCULO NANCY HARDING GROVES 4

É POSSÍVEL! GUY FITZGERALD 6

SÓ PARA DIVERTIR 9

TEMPO DE COMPARTILHAR: REVERÊNCIA EM LUGARES SAGRADOS VIRGINIA PEARCE 10

ANDRÉ E O GUARDA-CHUVA JOYCE PEASE 12

REVERÊNCIA ÉLDER L. TOM PERRY 16

OUTUBRO de 1992, Vol. 16, nº 10
92990 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Charles Didier, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Controlador: Diana W. Van Staveren
Programação: Diana W. Van Staveren
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia C. P. Ceciliato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
05599-970 – Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 20.000,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 1.700,00.**
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finalandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The *A Liahona* (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

ALEGRIA NO SERVIR

Como membro da associação de voluntários de um hospital, convidaram-me a falar em uma escola local sobre o conceito de serviço. A associação de voluntários ajuda pacientes do hospital gratuitamente. Dentre todos os voluntários, eu era o único disponível para fazer a apresentação.

Compreendi que esta seria uma grande oportunidade. Pensei então, não só no que poderia dizer àqueles jovens sobre o trabalho de nossa associação, mas também em motivá-los para ajudar nesse serviço.

Ao orar por inspiração, senti que deveria apresentar aos jovens a parábola do Bom Samaritano contada pelo Senhor (Lucas 10:30–37).

Comecei, também, a procurar um exemplo contemporâneo desta parábola. Ao folhear exemplos anteriores de *La Stella*, (italiano), encontrei um artigo de Élder L. Tom Perry em que escreveu a respeito de um jovem que dedicou parte de seu tempo para ser instrutor de esqui para pessoas cegas. Então, encontrei uma mensagem da Primeira Presidência, de Élder Thomas S. Monson, que discorria sobre o conceito de ajudar o próximo.

No dia da apresentação, encontrei-me diante de uma audiência de seiscentos alunos. Eu estava nervoso e orei pedindo a ajuda de que necessitava. Falei durante quinze minutos sobre o que motiva as pessoas a ajudar o próximo. Falei a respeito da busca da felicidade, e disse que ninguém conhece a verdadeira felicidade a menos que ajude o próximo.

E o mais importante, pude contar a eles que era membro da Igreja e sobre a ajuda prestada pelos missionários de tempo integral.

Minha mensagem foi bem recebida e, senti que havia tocado o coração de muitos dos que lá compareceram. Agradeci muito ao Senhor. Acredito que fui abençoado pela oportunidade de, talvez, preparar alguns destes jovens para ouvirem a mensagem do evangelho.

Obrigado pelo trabalho que realizam.

Fabrizio Giannelli
La Spezia, Itália

SENDO FORTALECIDO

Estou mais do que feliz — estou cheio de gratidão — pois em momentos de depressão e desânimo, tenho sido capaz de erguer-me e ser fortalecido pelos artigos da *Liahona* (espanhol).

Espero que ela seja traduzida em muitas línguas.

Oro para que a Igreja continue a crescer e todos nós que estivermos em idade de cumprir missão de tempo integral o façamos, e prestemos um forte testemunho da divindade desta obra para o mundo.

Leonel Acosta
Santiago, República Dominicana

(Nota do Redator: A revista internacional da Igreja é publicada em vinte idiomas na América Latina, Europa, Ásia e no Pacífico Sul.)

FOTOGRAFIA DO SERVIÇO FOTOGRÁFICO DA IGREJA; PINTURA DE ALVIN GITTINS

"Graças Damos, ó Deus, Por um Profeta"

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Na Igreja cantamos um hino inspirado "Graças Damos, ó Deus, Por um Profeta" que nos é peculiar. Cantamos alguns hinos de outras igrejas, e elas cantam alguns dos nossos, mas, somente nós podemos verdadeiramente cantar: "Graças damos, ó Deus, por um profeta que nos guia no tempo atual".

O hino foi escrito há mais de um século por um homem simples, que vivia em Sheffield, Inglaterra. Ele trabalhava numa usina siderúrgica e foi despedido por ter-se filiado à Igreja Mórmon. Em seu coração, contudo, ardia um testemunho profundo e fervoroso; e, nascido de um transbordante espírito de gratidão, ele compôs estas linhas inspiradas, que se tornaram uma expressão de apreço para milhões de pessoas em todo o mundo. Eu próprio as ouvi em vinte e um idiomas diferentes, como reverente oração de graças pela revelação divina.

Quão gratos devemos ser, quão gratos somos, por um profeta para nos

Presidente Ezra Taft Benson, *à esquerda*, é o legítimo sucessor de Joseph Smith, *acima*, neste chamado elevado e sagrado de profeta de Deus.

FOTOGRAFIA DO SERVIÇO FOTOGRÁFICO DA IGREJA; PINTURA DE ALVIN GITTINS

aconselhar com palavras de sabedoria divina, ao trilharmos nossos caminhos nestes tempos complexos e difíceis. A sólida certeza que trazemos no coração, a certeza de que Deus tornará conhecida sua vontade a seus filhos por meio de seus servos, é o fundamento real de nossa fé e atividade. Ou temos ou não temos um profeta; e, tendo um profeta, temos tudo.

Há alguns anos, tive a oportunidade de iniciar formalmente, em companhia do presidente da Missão Hong Kong, a obra missionária nas Filipinas. No dia 28 de abril de 1961, tivemos uma reunião que nunca será esquecida por todos os presentes. Como não tínhamos um salão para nos reunir, solicitamos permissão à Embaixada dos Estados Unidos para usarmos o belo pórtico do monumento de mármore do cemitério militar norte-americano em Fort McKinley, nos arredores de Manila. Às 6h30 da manhã, reunidos naquele lugar abençoado e sagrado que nos recorda as tragédias da guerra, demos início à pregação do evangelho da paz.

Pedimos ao único membro filipino que conseguimos localizar, que colaborasse conosco. Ele nos contou a seguinte história:

Quando criança, ele encontrou, numa lata de lixo, um velho exemplar quase destruído da revista *Seleções* do Reader's Digest, que trazia o resumo de um livro que narrava a história do povo mórmon. Falava de Joseph Smith, descrevendo-o como um profeta. Aquela palavra profeta tocou profundamente o rapaz. Poderia realmente existir um profeta na terra? Ele duvidava. A revista se perdeu, mas o intrigante pensamento sobre a presença de um profeta vivo na terra nunca o deixou durante os longos e sombrios anos de guerra e opressão, quando as

Presidente Benson adora encontrar-se com os santos, *à esquerda*. Seu entusiasmo pelas pessoas é demonstrado, à direita, cumprimentando, amigavelmente, os visitantes na Conferência Geral.

CORTESIA DO CHURCH NEWS

Filipinas estiveram ocupadas. Finalmente as forças de libertação chegaram, e com elas a reabertura da Base Aérea Clark. David Lagman obteve emprego na Base e soube que seu supervisor, um oficial da Força Aérea, era mórmon. Desejava perguntar-lhe se acreditava em um profeta, mas não tinha coragem. Finalmente, depois de muita luta interior, criou coragem para perguntar:

"O senhor é mórmon?" perguntou o rapaz.

"Sim, sim", foi a resposta direta.

"O senhor crê em um profeta? Há um profeta em sua igreja?" foi a pergunta ansiosa.

"Sim, temos um profeta, um profeta vivo, que preside a igreja e ensina a vontade do Senhor."

David pediu ao oficial que lhe contasse mais, e devido a esses ensinamentos, foi batizado. Tornou-se o primeiro élder nativo ordenado nas Filipinas.

Haverá bênção maior para um povo, do que ter à sua testa, alguém que recebe e ensina a vontade de Deus no que lhe diz respeito? Não precisamos estender os olhos pelo mundo para saber que "a sabedoria dos sábios perece e o entendimento do prudente se desfaz". (Vide D&C 76:9.) A sabedoria que o mundo deveria buscar é a que provém de Deus. O único entendimento que salvará o mundo é o entendimento divino.

"Certamente o Senhor Jeová não fará cousa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas" (Amós 3:7).

Assim foi nos dias de Amós e em todos os anos em que homens de Deus falaram quando movidos pelo Espírito Santo. (Vide II Pedro 1:21.) Esses profetas antigos não só advertiam das coisas que estavam por acontecer, mas, o que era mais importante, tornaram-se reveladores da verdade para o povo. Eram eles que indicavam aos homens como deveriam viver para serem felizes e encontrarem paz na vida.

Lembro-me de um jovem que, como cristão, procurou igreja após igreja, não encontrando nenhuma que falasse de um profeta moderno. Somente entre o povo judeu achou referências respeitosas aos profetas, e assim aceitou e adotou a religião judaica.

No verão de 1964, foi a Nova York, e visitou a Feira Mundial. Entrou no Pavilhão Mórmon e viu gravuras dos profetas do Velho Testamento. Seu coração enterneceu-se, quando ouviu os missionários falando com apreço desses grandes homens de eras passadas, por meio de quem Jeová revelava sua vontade. Depois, ao percorrer o pavilhão, ouviu a respeito de profetas modernos – de Joseph Smith, a quem chamavam profeta, vidente e revelador. Algo despertou dentro dele. Seu espírito respondeu ao testemunho dos missionários. Foi batizado e cumpriu missão na América do Sul. Voltou para casa, e desde aí, tornou-se o instrumento para trazer sua família e outros para a Igreja. É de aquecer o coração ouvi-lo prestar testemunho de que Joseph Smith foi um profeta de Deus e que todos os que o seguiram têm sido legítimos sucessores neste chamado elevado e sagrado.

Poderia alguém, disposto a ler a história de Joseph Smith sem preconceito, duvidar que ele profetizou grandes acontecimentos futuros? Quase trinta anos antes de o primeiro tiro ser disparado, ele predisse a trágica Guerra da Secessão nos Estados Unidos, declarando ainda que haveria guerra em todas as nações. Vós e eu, desta geração, somos testemunhas do cumprimento daquelas palavras notáveis.

O mesmo tem acontecido com seus sucessores. Em um dia frio do inverno de 1849, quando nossos antepassados no Vale do Lago Salgado, se encontravam famintos, subsistindo apenas alimentando-se de bulbos de sego (N. do T. Liliácea nativa da região nordeste dos Estados Unidos) e brotos de cardo, na época em que foi descoberto ouro na Califórnia, Brigham Young, no terreno da Praça do Templo, profetizou àqueles que achavam que deveriam trocar as agruras da vida aqui por pastagens mais verdes na Califórnia. Entre outras coisas, disse:

"Fomos jogados para fora da frigideira e para dentro do fogo, (N. do T. da perseguição no Missouri para uma situação pior em Nauvoo, Illinois), do fogo para o meio do chão, (N. do T. de Nauvoo para o deserto), e aqui estamos e aqui permaneceremos . . . Construiremos uma cidade e um templo ao Deus Altíssimo, neste lugar. Estenderemos nossa colonização para leste e oeste, norte e sul, edificando cidades e vilas às centenas, e milhares de santos das nações da terra virão reunir-se a nós. Isto aqui se tornará a grande estrada das nações. Reis e imperadores, nobres e sábios da terra nos virão visitar."

— (Citado em James S. Brown, *Life of a Pioneer: Being the Autobiography of James S. Brown*, Salt Lake City, George Q. Cannon & Sons Company, 1900, páginas 121–122.)

Acaso alguém poderia ficar na Praça do Templo, hoje, observando os milhões de pessoas que nos visitam anualmente e ter alguma dúvida de que Brigham Young falou como profeta? No decorrer dos anos, tem havido um verdadeiro desfile de pessoas notáveis que encontraram o caminho do escritório da Primeira Presidência, a fim de encontrar-se particularmente com o homem que apoiamos como Presidente da Igreja e profeta de nossos dias. Nela se incluem líderes dos governos da terra, do mundo dos negócios e do comércio, da cultura e das profissões. Estes estão entre os nobres e sábios da terra, dos quais falava Brigham Young, quando éramos um povo proscrito, isolado num deserto das montanhas.

Recordo-me de que, quando viajava de São Francisco para Sydney, Austrália, notei um rapaz sentado num lugar próximo, lendo o livro *Joseph Smith, an American Prophet* (N. do T. Joseph Smith, um Profeta Americano). Quando se apresentou uma oportunidade, falei-lhe. Contei que havia lido aquele livro, que conhecia o autor e perguntei qual era seu interesse. Disse-me, entre outras coisas, que se interessava por profetas e que essa questão de um possível profeta moderno o deixara intrigado. Havia retirado o livro da biblioteca. Tivemos uma longa conversa, durante a qual prestei testemunho de que Joseph Smith foi realmente um profeta. Não só falava das coisas vindouras, porém, mais importante ainda, revelou a verdade eterna e testificou da missão divina do Senhor Jesus Cristo.

Sou profundamente grato, não só por Joseph Smith como sendo o Profeta que serviu de instrumento nas mãos do Todo-Poderoso para restaurar esta obra, mas também por todos os que o seguiram. O estudo da vida deles revelará a maneira pela qual o Senhor os escolheu, refinou e moldou, para que servissem a seus propósitos eternos. Joseph Smith declarou: "Sou como uma enorme pedra bruta que vem descendo de uma alta montanha . . . arrancando uma aresta aqui, outra acolá. E assim, chegarei a ser um dardo polido na aljava do Todo-Poderoso . . ." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 295–98). (Vide Isaías 49:2.)

Ele foi odiado e perseguido. Foi encurralado e aprisionado. Foi injuriado e espancado. E ao lerdes sua história, vereis a evolução por ele descrita. Desenvolveu-se um poder em sua vida. Veio o refinamento; cresceu o amor ao próximo, que sobrepujou até mesmo seu amor à própria vida. As arestas da pedra bruta foram aparadas, tornando-a um dardo polido nas mãos do Onipotente.

O mesmo se deu com todos os que o sucederam. Através de longos anos de serviço devotado, foram refinados, joeirados, temperados e moldados para os propósitos do Todo-Poderoso. Alguém duvidará disso, depois de ler a biografia de homens como Brigham Young, Wilford Woodruff e Joseph F. Smith? O Senhor moldou-lhes o coração e refinou-lhes a natureza, a fim de prepará-los para a grande e sagrada responsabilidade que mais tarde lhes seria confiada. Isso aconteceu com aquele que está à testa da Igreja, hoje, nosso amado líder, o Presidente Ezra Taft Benson.

Como alguém a quem o espírito testificou, presto testemunho desse chamado profético do Presidente Benson e uno minha voz à de nosso povo em todo o mundo: "Graças damos, ó Deus, por um profeta que nos guia no tempo atual". Estou satisfeito, porque a paz, o progresso e a prosperidade deste povo residem em fazer a vontade do Senhor conforme esta vontade é dada a conhecer por aquele que é o servo do Senhor — o Presidente da Igreja. Se deixarmos de observar seu conselho, estaremos repudiando seu sagrado chamado. Se o acatamos, seremos abençoados por Deus.

E qual tem sido o conselho do Presidente Ezra Taft Benson a nós, como povo? Não temos sido aconselhados a buscar e com dedicação trazer de volta à completa atividade qualquer membro desta Igreja que se tenha tornado menos ativo?

Não somos aconselhados a limpar nosso vaso interior de qualquer indignidade que tenhamos cometido perante o Senhor? Não somos aconselhados consistentemente a trazer o poder, o espírito e os ensinamentos do Livro de Mórmon a nossas vidas e pessoalmente compreender que o Livro de Mórmon foi preparado sob a direção do Senhor, especificamente para a obra dos últimos dias? Não somos

aconselhados a buscar o Espírito do Senhor em tudo que fazemos? Não somos aconselhados a respeito da grande pedra do orgulho, ou da resistência e oposição aos desejos de Deus? Não somos aconselhados constantemente a vir a Cristo, pensar em Cristo, experimentar uma poderosa mudança no coração, se necessário, a fim de seguir a Cristo, e fazer de Cristo o modelo para toda nossa vida?

Seria bom que ouvíssemos hoje as palavras ditas antigamente por Josafá: "Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e sereis prosperados" (II Crônicas 20:20).

Deus vive e é um revelador da verdade eterna. Jesus Cristo é o nosso Salvador e é o cabeça desta Igreja. Temos um profeta na terra, um vidente e revelador para nos instruir. Deus nos dê fé e disciplina interior para que sigamos aqueles ensinamentos. □

Por ocasião de seu chamado como profeta, o Presidente Benson disse: "Amo todos os filhos do Pai." No seu descanso, *à direita*, gosta de usar seu chapéu de vaqueiro.

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

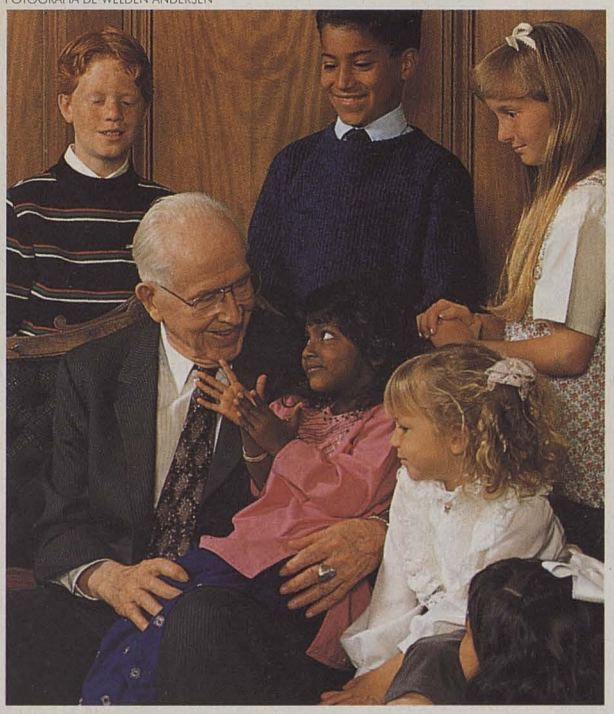
1. Não precisamos estender os olhos pelo mundo para saber que "a sabedoria dos sábios pereceu e o entendimento do prudente se desfaz".

2. A base de nossa fé e atividade na Igreja é a sólida certeza que temos de que Deus tornará conhecida sua vontade a seus filhos por meio dos profetas.

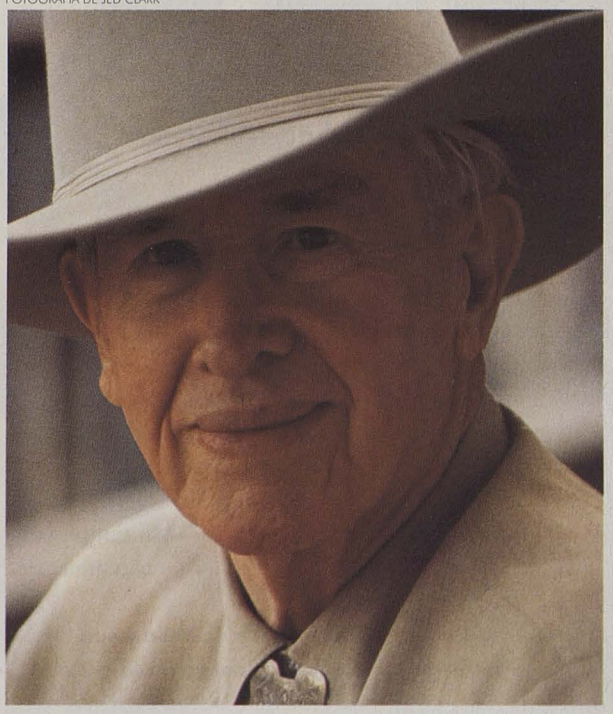
3. Somos profundamente gratos, não só por Joseph Smith ter sido o instrumento do Senhor para restaurar esta obra, mas também por todos os que o seguiram, incluindo nosso amado Presidente Ezra Taft Benson.

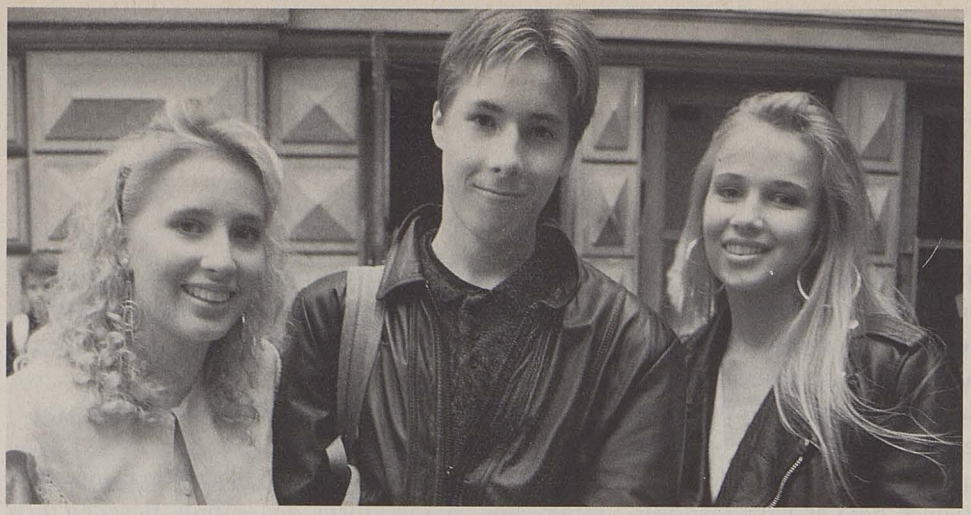
4. A paz e o progresso deste povo residem em fazer a vontade do Senhor conforme é dada a conhecer pelo Presidente da Igreja.

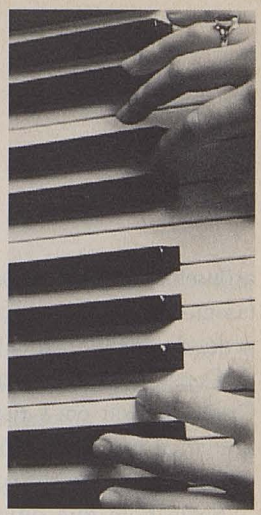
FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN



FOTOGRAFIA DE JED CLARK







OUÇAM A CANÇÃO

Richard M. Romney

Ouçam com o coração para ouvir mais do que música quando Säde tocar sua canção.

Nos corredores da escola secundária finlandesa, enquanto os alunos se dirigiam apressadamente de uma sala para outra, conversas e risos enchiam o ambiente.

No auditório com enfeites dourados e com janelas em arco, porém, o barulho era distante e quase inaudível. Ali, onde Säde Metsäthähti, de quinze anos de idade, ia começar a tocar piano, havia tranqüilidade.

Säde poderia tocar muitas músicas clássicas ou populares, mas, naquele momento, só havia tempo para tocar e cantar uma. Então escolheu sua canção preferida.

Ouçam a canção que Säde, seu irmão Vesa e sua melhor amiga Saria ouvem — a canção da fé e do amor.

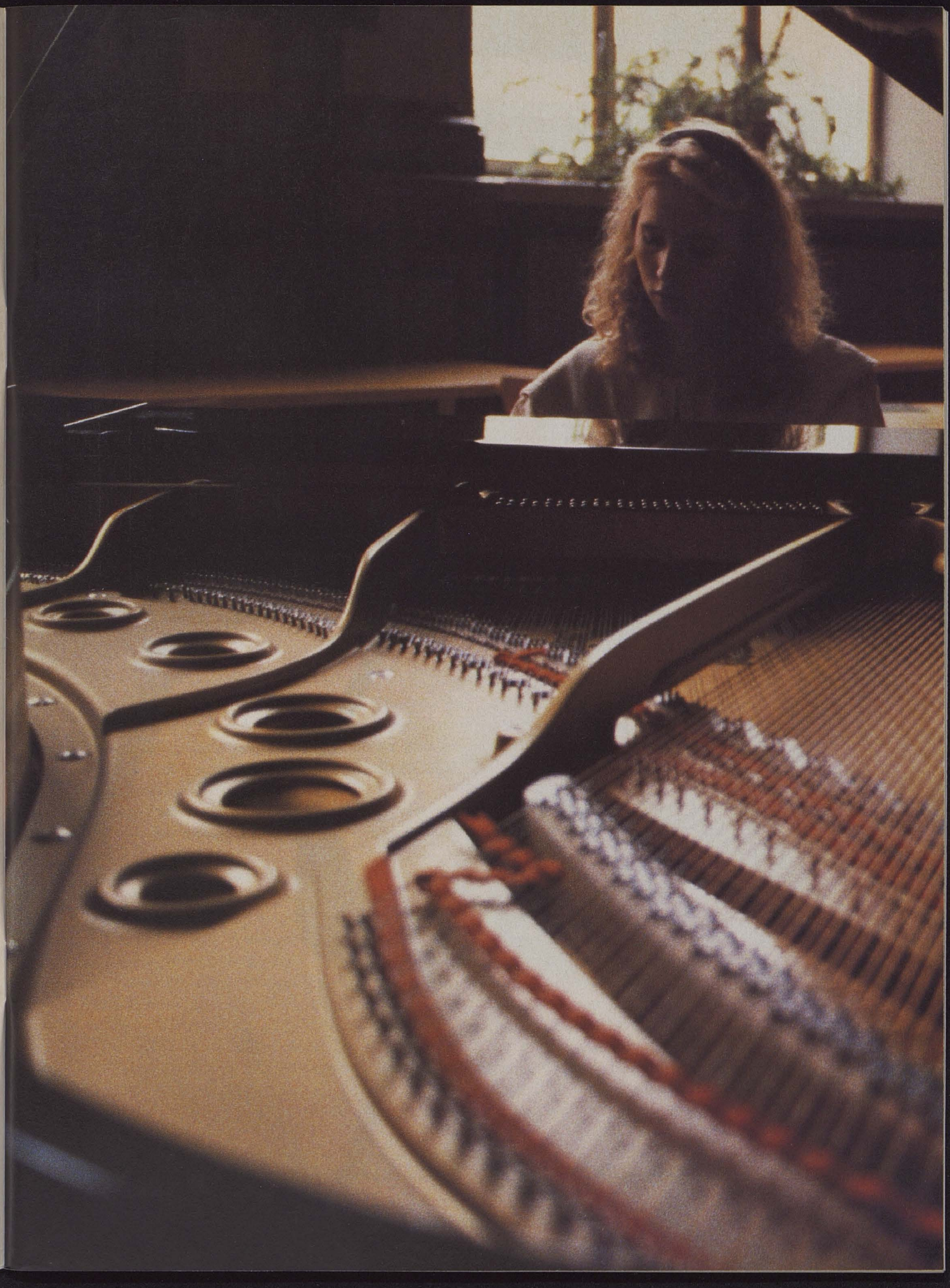
A melodia era simples, mas marcante. Saria Karhunen, de dezesseis anos, juntou-se a Säde no refrão. As duas são amigas desde a infância e, de certo modo, essa amizade transparecia na harmonia de suas vozes que davam vida à canção.

A música terminou. "Quando cantamos isso", disse Saria, "é como se estivéssemos cantando uma oração". Säde balançou a cabeça, concordando.

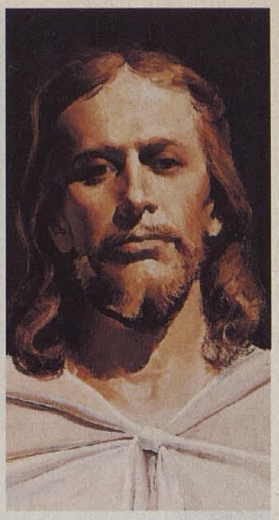
Em inglês, o nome da música composta por membros da Igreja é "Look Inside" (N. do T. "Dentro de Você ", mas a versão em finlandês, traduzida pela mãe de Säde, Virpi, expressa a idéia de modo ainda mais enfático: "*Sydämees kun katsot*," que significa "Quando você se volta para o seu próprio coração".

"Sei que foram outras pessoas que escreveram a letra e a música", disse Säde, "mas, toda vez que a toco, sinto como se fosse a minha música. Acho que todos — que tudo — têm uma música própria, e precisamos estar atentos, para ouvi-la."

FOTOGRAFIA DE RICHARD M. ROMNEY



FOTOGRAFIA DE RICHARD M. ROMNEY



"Com o evangelho no coração, vemos e ouvimos o Salvador em todas as coisas", diz Säde, seja numa aula de línguas, na escola, seja nas flores ou nas amizades.

Foi dado o segundo sinal, e isso queria dizer que a rápida apresentação terminara. Säde e Saria têm um horário rígido na Puolalanmaen Koulu, uma escola para alunos com aptidão musical. Além da música, Säde tem aulas de sueco, matemática, finlandês, ginástica, inglês, biologia, geografia e francês.

Ela e Saria também estudam o material do seminário todos os dias e assistem à aula semanal, com os outros alunos da ala.

Aquela era uma noite de atividades na capela, e os alunos do seminário, do instituto, os escoteiros, os consultores de história da família da ala e outros membros, haviam se reunido com propósitos distintos — mas todos como uma só família.

"Como podem aproximar-se de Jesus Cristo?" perguntou Auli Haikkola, professor do seminário.

"Estudando as escrituras", disse Aki Keskinen.

"Orando", disse Todd Katschke. "Indo à igreja."

"Falando a respeito do Salvador com sua família", disse Jukka Merenluoto.

"Ajudando alguém", disse Joni Mikkonen.

Após a aula, vários alunos ficaram conversando. Comentaram como o seminário ajuda a preparar os jovens para a missão, falaram sobre levantar-se cedo para estudar as escrituras, sobre oração, famílias, sacerdócio, o Espírito, e uma série de outras coisas que todos os jovens da Igreja têm em comum.

"A maioria das pessoas na Finlândia não fala de religião", disse Maria Sokoli. "Elas vão à igreja uma ou duas vezes por ano. Não compreendem como o evangelho pode ser parte tão integrante de minha vida."

"Meus amigos que não são membros me respeitam", disse Heidi Hankiala, "mas é difícil para mim quando todos bebem ou fazem coisas que não faço."

"Maria, Heidi, Saria e eu crescemos na Igreja", explicou Säde. "A maioria das pessoas desta ala cresceu com o evangelho. Agora, porém, a Igreja está se desenvolvendo rapidamente e imagino o dia em que, com o crescimento cada vez maior, haverá muitos jovens sendo batizados, não só na Finlândia, mas na Rússia, na Europa Oriental — em todo o mundo. A Igreja é a esperança do futuro, e a juventude, a esperança da Igreja."

Em pouco tempo as conversas acabaram. Os jovens se despediram e foram embora. A sala do seminário ficou vazia e não havia quase ninguém na capela.

Foi aí que a música começou outra vez.

Enquanto esperava pela mãe, Säde foi a um piano. Desta vez não era um lindo piano de cauda, preto e reluzente como o do auditório da escola. Era um piano comum, marrom, com uma ou duas teclas lascadas e com o verniz arranhado. A melodia que ela tocava, porém, era a mesma: "Quando você se volta para o seu próprio coração".

A canção da fé continuava. □

FOTOGRAFIA DE GILES H. FLORENCE JR.

SUOMI

FINLÂNDIA

UM FAROL NO BÁLTICO

Giles H. Florence Jr.

Diz-se que "quando Deus terminou a criação da terra, jogou todas as sementes de árvores que ainda restavam aqui em Suomi". *Suomi* — Finlândia — quer dizer terra pantanosa. Desde a Lapônia, (N. do T. Região Norte da Escandinávia que inclui parte da Finlândia) ao norte, até o Mar Báltico, ao sul, a paisagem da Finlândia parece um tapete formado por pinheiros e outras árvores e arbustos típicos da região. A vegetação é tão densa que, quando a terra é avistada de cima, assemelha-se a um gigantesco musgo verde destacando-se do mar.

Há uma palavra no idioma finlandês que descreve o tipo de caráter que eles têm: *sisu*. Quer dizer "não desistir; perseverar". Esta força, determinação e audácia — até mesmo obstinação — talvez seja a maior razão de a Finlândia jamais se ter tornado um país do bloco do leste europeu. Muitas vezes, nos últimos duzentos anos, os finlandeses impediram a entrada dos exércitos russos. E apesar de terem perdido suas amadas florestas de Karelia Leste para os soviéticos, em 1940, o que reduziu um décimo de suas terras, conservaram a independência e continuaram a ser um farol de liberdade.

Quando um finlandês se converte ao evangelho, *sisu* e fé se combinam, fazendo dele um membro da Igreja profundamente dedicado. E, embora a Igreja não tenha crescido com tanta rapidez lá como em outras partes do mundo, os vínculos criados na ocasião do batismo e durante a integração de um recém-converso não se rompem facilmente.

ALGO FAMILIAR

Matti and Kirsti Salmi exemplificam essa combinação de fé com a determinação finlandesa. Moram em Kemi, uma cidade da costa oeste, na extremidade norte do Golfo de Bothnia, menos de cem quilômetros abaixo do Círculo Ártico. Em 1988, os Salmis se tornaram o primeiro casal finlandês a cumprir missão em sua própria terra.

Kirsti se filiara à Igreja em 1973, em Kuopio, depois de os missionários lhe terem ensinado um evangelho que "soara tão familiar e verdadeiro, principalmente após ter lido o Livro de Mórmon". Matti estava com quarenta e oito anos quando, em 1978, conheceu os missionários e sentiu neles "um espírito forte e impossível de ser negado". E ele também foi batizado. Os dois se conheceram no verão de 1981, no Templo da Suíça.

"Como nos sentimos felizes com o chamado para uma missão de proselitismo", diz Matti. "Na primeira semana da missão, conhecemos e ensinamos as primeiras pessoas que iriam se converter. No final do mês, elas foram batizadas; depois surgiram outras e mais outras."

"Mesmo quando as pessoas não foram batizadas", comenta Kirsti, "nunca achamos que ensinamos inutilmente. E também, quando algumas coisas ficarem mais claras para eles, muitos as aceitarão."

Três jovens conversos foram fruto de seu trabalho em Savonlinna, o

Seija e Vesa Linnanen, dizem que o evangelho os ajuda a guiar os quatro filhos no caminho da verdade.

FOTOGRAFIA DE GILES H. FLORENCE JR.

CORTESIA DA FGP INTERNATIONAL

***Em cima:* Cena da região de um lago da Finlândia. Embaixo: Élder Harri Aho, da Finlândia, *(à esquerda),* e seu companheiro dos Estados Unidos, servem na Missão Finlândia Helsinki Leste.**

belo local em que são realizados os festivais de ópera anuais do país. A localização da cidade é maravilhosa, num grande arquipélago no meio do maior dos 180.000 lagos da Finlândia. "Apreciamos tanto trabalhar naquele cenário lindo", diz o irmão Salmi. "Os membros dali são dedicados ao evangelho e, de boa vontade ajudaram-nos a compartilhá-lo.

Segundo os Salmis, "por ensinarmos juntos princípios eternos e demonstrarmos amor aos outros, nosso casamento ficou mais significativo e forte do que nunca".

AMOR PARA DAR

A maioria dos finlandeses fala finlandês: no entanto, eles têm muito em comum com os suecos. Uma considerável minoria que fala sueco vive nas cidades da costa sul e oeste. A sinalização das estradas e materiais oficiais impressos normalmente são bilingües, em finlandês e sueco. O nome oficial do país, que é *Suomen Tasavalta*, é mais freqüentemente escrito *Suomi Finland.*

"A inclinação que temos de compartilhar as coisas e nos comunicarmos, faz da Finlândia um bom lugar para se propagar o evangelho", diz o Presidente Pekka Roto, da Estaca Tampere Finlândia. "Existem, porém, várias razões para que isso não esteja acontecendo tão rapidamente como gostaríamos. Uma delas é que a religião do Estado foi estabelecida há tanto tempo, que, embora apenas algumas pessoas freqüentem a igreja, seus membros têm *sisu*. Em conseqüência disso, eles dificilmente se interessam por outra religião.

A meu ver, porém, o maior obstáculo para a propagação do evangelho na Finlândia é, ironicamente, o alto padrão de vida de nosso país. Como tantos outros povos do mundo, os finlandeses são muito trabalhadores e deixam pouquíssimo lugar em sua vida para as coisas espirituais." Ele diz que o governo proporciona tanto aos cidadãos, que eles não se sentem nem um pouco inclinados a fazer sacrifícios — e que o Profeta Joseph Smith ensinou que o sacrifício é um elemento essencial da religião.

"Os líderes do sacerdócio são bem preparados para o trabalho e fazem-no com alegria", diz o Presidente Seppo Forsman, da Estaca Helsinki Finlândia. "Simplesmente precisamos de mais horas no dia." Quando a estaca foi formada, em 1976, tiveram dois anos de rápido crescimento. Depois, o ritmo ficou mais lento, até 1988. Atualmente, com um crescimento maior, nossos esforços para integrar os recém-conversos aumentaram o nível de retenção para 75 por cento.

Em 1990, com 120 missionários servindo na Finlândia, 125 pessoas foram batizadas, elevando para pouco mais de 4.200 o número de membros da Igreja na Finlândia. Há duas estacas — ambas no sul, nos maiores centros populacionais — onze alas, dezenove ramos e três distritos.

JOVENS COM UMA MISSÃO

Mais de 50 por cento dos jovens da Estaca Tampere, qualificados para cumprir missão, estão atualmente no campo. A juventude de ambas as estacas é forte e bem preparada para a missão. Dentre os jovens de ambos os sexos, 70 por cento são ativos e 80 por cento dos ativos freqüentam o seminário.

Na Finlândia, muitos dos pais que são membros da Igreja se preocupam bastante com a educação dos filhos e esperam muito deles. Além disso, vivendo os padrões do evangelho os

Kirsti e Matti Salmi, à direita, o primeiro casal a cumprir missão na Finlândia ao lado de Steven e Donna Mecham, que presidiram a Missão Finlândia Helsinki, de 1987 a 1990.

jovens passam a ter um propósito além de seus próprios desejos. "Estas vantagens ajudam nossa juventude a ter o desejo de estar acima da média e permite-lhes demonstrar mais interesse e amor pelos outros", diz a esposa do Presidente Roto, Anna Kaarina. Seus filhos, Matti, Liisa e Kaisa, foram todos líderes na escola e são alunos excelentes. Liisa cumpriu missão em Utah. Matti, que está estudando na França, fez uma apresentação para o Parlamento a respeito da conservação do meio ambiente finlandês.

CHAMAM A ATENÇÃO

O alto custo de vida é suficientemente difícil para um casal num país em que a média dos filhos é de 1,8 por família, e onde a maioria das mães trabalha fora. Para uma família de onze, como a de Tapani e Sinikka Friström, o desafio ainda é maior.

A família Friström se empenhou em fazer o que achava ser certo. Para um casal com menos *sisu*, a escolha óbvia seria Sinikka aceitar uma das muitas ofertas altamente lucrativas que recebeu para fazer pesquisa para a mais importante companhia farmacêutica do país — ou iniciar uma carreira de professora na Universidade de Helsinki, onde se destacou como aluna. Ao invés disso, Sinikka decidiu centralizar a vida na família.

Sinikka e Tapani Friström, de Helsinki, com seus filhos, a partir da esquerda: Jyry, Otso, Pilvi, Tuuli, Pyry, Kukka, Meri e Visa. Suvi (Skinner) não aparece na foto. *À direita:* Juha Linnanen, de onze anos.

Ela é organista da ala e pianista da Primária, e Tapani, serve no sumo conselho da estaca.

Na Finlândia, as famílias numerosas não são exatamente motivo de zombaria mas, com certeza, chamam a atenção e, freqüentemente, são alvo de perguntas. A pergunta comum feita a Jarkko Metsätähti e sua esposa, Virpi, é: "Como podem sustentar tantos filhos, se não são ricos?" Virpi e Jarkko sentem-se tentados a responder que *são* ricos — pois têm sete filhos.

Os Metsätähtis moram em Turku, na costa sudoeste, que foi capital da Finlândia até 1812. A casa que construíram é cercada de velhas macieiras. Jarkko tem seu próprio negócio, produzindo *software* educativo para computadores e vendendo-os para o mundo todo. "Nossa família é nossa vida", diz ele. "Para Virpi e para mim não há nada mais importante do que nossos filhos."

A família Metsätähti inclui quatro meninos e quatro meninas, todos com aptidões musicais e artísticas. A filha Säde é um exemplo típico da família: ela toca piano, canta, costura as próprias roupas e estuda inglês. (Vide "Ouçam a Canção", página 8.)

Por sua vez, Virpi, dona de casa com formação universitária em ciências, adora estudar. Gosta de

organizar concertos na estaca e traduziu muitos hinos SUD para o finlandês.

Jarkko já foi presidente de ramo e serviu na presidência da estaca. Após trinta anos de serviço na Igreja, porém, adquiriu "nova perspectiva em um dos chamados mais importantes que já tive — como chefe dos escoteiros". Sua tropa tem mais de cinqüenta membros. Seus escoteiros recentemente angariaram fundos em benefício dos pobres da Romênia.

Também as famílias menos numerosas da Igreja chamam a atenção na Finlândia. A professora de Juha Linnanen, de onze anos de idade, disse aos pais dela que os admirava por dedicarem tanto tempo aos filhos. "Esse foi um elogio maravilhoso", diz a irmã Seija Linnanen, uma líder da Sociedade de Socorro da Estaca Helsinki e mãe de quatro filhos, em idades que variam de quatro a vinte e um anos.

Seu marido Vesa, que vende equipamentos para cozinha, diz: "Aprendi com o evangelho muitas coisas que me têm ajudado. Costumava pensar que os filhos simplesmente crescem e se tornam o que têm de se tornar, mas os princípios do evangelho me fizeram compreender a responsabilidade de ajudá-los a aprender a verdade. Seija e eu temos feito o máximo para criar nossos filhos no caminho do Senhor, e para continuarmos aprendendo cada vez mais".

RAIOS DE LUZ

"Quando as pessoas dizem que o sentimento dos membros da igreja reunidos em qualquer uma de nossas congregações no mundo é o mesmo, estão dizendo a verdade", diz Pertti Vorimo, um homem de negócios que, com a esposa e a família, vive na Ala de Espoo. "Prefiro observar a diversidade que caracteriza nosso povo. O Senhor criou a terra em toda a sua variedade com um propósito. Podemos respeitar nossas diferenças e

Arja Lilja é bastante conhecida por repartir as delícias que prepara na cozinha. Ela e o marido, Kari é desenhista publicitário, moram perto de Helsinki.

não almejar apenas uma unidade superficial. O evangelho ensina unidade em meio à diversidade."

Para notarmos como os membros finlandeses estão chegando à unidade da fé, basta olhar para as pessoas, todas tão diferentes umas das outras, servindo, aprendendo e sacrificando-se juntas pela edificação do reino.

Para Hannu Sorsa, da Ala III de Helsinki, cumprir missão de tempo integral foi um sacrifício: "Gosto tanto de música — de tocar, estudar, compor e fazer arranjos — que foi um sacrifício deixar tudo de lado e ir pregar o evangelho por dois anos, mas fui abençoado por ter feito isso".

Aos vinte e oito anos, Hannu está agora completando os estudos de música na *Sibelius Academy*, a melhor faculdade de música da Finlândia, cujo nome é uma homenagem ao mais conhecido compositor finlandês, Jean Sibelius. (N. do T. Jean Julius Christian Sibelius, 1865–1957). Hannu toca piano, saxofone, clarinete e vários instrumentos de percussão. "Ele está sempre regendo, acompanhando ou dirigindo alguma produção musical da estaca", diz Leena Multamäki, que canta em muitas delas.

Leena, que vem de Savonlinna, onde seu pai é presidente do Distrito de Kuopio, trabalha no escritório de tradução da Igreja em Helsinki. "As boas obras de cada membro da Igreja representam minúsculos raios de luz", diz Leena. "Somos poucos em

números, mas nos fazemos notar".

O evangelho dá aos membros finlandeses solteiros maior capacidade de amar, diz Mirja Suonpää, líder dos Adultos Solteiros da estaca de Helsinki. "Amo a Igreja. As pessoas, as atividades, os ensinamentos preencheram minha vida. Sou tão mais feliz depois que me filiei à Igreja; ela modificou completamente meu modo de enxergar as coisas.

"As pessoas perceberam mudanças em mim", diz Mirja. "Coisas novas tornaram-se importantes, e coisas que incomodavam antes, agora não me incomodam mais.

Graças ao evangelho, obtive discernimento em minha profissão, como enfermeira psiquiátrica, o que me ajudou a compreender as necessidades dos filhos do Pai Celestial, permitindo-me ser de maior valia, ter mais paciência e força do que já tivera antes."

O CALOR DE SUA LUZ

Os membros de toda a Finlândia levaram seu calor aos vizinhos russos, atravessando o gelado Golfo da Finlândia e também indo para o leste, na antiga Karelia. A partir do momento em que as barreiras à religião foram removidas, politicamente, muitos finlandeses levaram o evangelho às terras soviéticas.

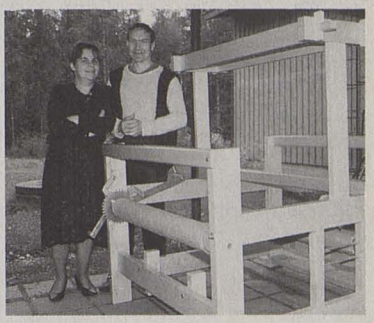
Casais, como os Jäkkös, de Lappeenranta, os Laitinens, de Oulu, os Lammintauses, de Jyväskylä, os Kirsis, de Lahti e os Kemppainens, de Helsinki, domingo após domingo, desde 1989, visitam os santos dos últimos dias soviéticos e ajudam-nos. A princípio, prestaram testemunho e expressaram seu amor ao Salvador. Depois, com o crescimento da congregação, esses fiéis finlandeses trabalharam, ajudaram a organizar e treinar os novos membros de Vyborg, São Petersburgo (antiga Leningrado), e Tallinn, a fim de prepará-los para adorar e realizar ordenanças do sacerdócio sozinhos.

"Desde que Kari Haikkola foi chamado para presidir a primeira estaca finlandesa em 1977", diz Jussi Kemppainen, presidente do Distrito Báltico, "temos aguardado este dia. Levar o evangelho aos nossos irmãos na Rússia é uma bênção concedida pelo Senhor ao nosso povo, após anos de orações e fé paciente."

"Os finlandeses há muito tempo acreditavam que poderiam levar o evangelho à União Soviética", diz Steven Mecham, de Ogden, Utah, chamado para presidir a Missão Finlândia Helsinki, em 1987.

O Presidente Kemppainen comenta: "Desde que o evangelho começou a ser pregado na URSS, sentimos que o caminho foi preparado para nós. Tantas coisas aconteceram para ajudar o trabalho, coisas que não poderiam ser coincidência. Essas pessoas foram preparadas pela mão do Senhor".

Desde as primeiras tentativas dos finlandeses de realizar a obra missionária na então URSS, houve o aumento do número de ramos em várias cidades soviéticas, e três missões foram estabelecidas. Os membros finlandeses continuam a ajudar.



Em cima: Mirja Suonpää, líder dos Adultos Solteiros da Estaca Helsinki. Embaixo: Nellie e Aimo Jäkkö, de Lappeeranta, estão entre aqueles que levaram o evangelho a seus vizinhos da Rússia.

A fé e o *sisu* dos santos dos últimos dias finlandeses capacitaram-nos a servir firme e pacientemente em seu próprio país — e a expandir sua luz além das fronteiras. Os santos finlandeses viram que, apesar dos tempos difíceis e desanimadores, uma fé resoluta por fim penetrou a névoa de apatia e até mesmo as fronteiras políticas.

Desta maneira, uma porção do *sisu* finlandês aumenta a fé e o amor dos santos dos últimos dias em toda parte. □

O PODER DO COMPRO

Élder M. Russell Ballard
do Quorum dos Doze Apóstolos

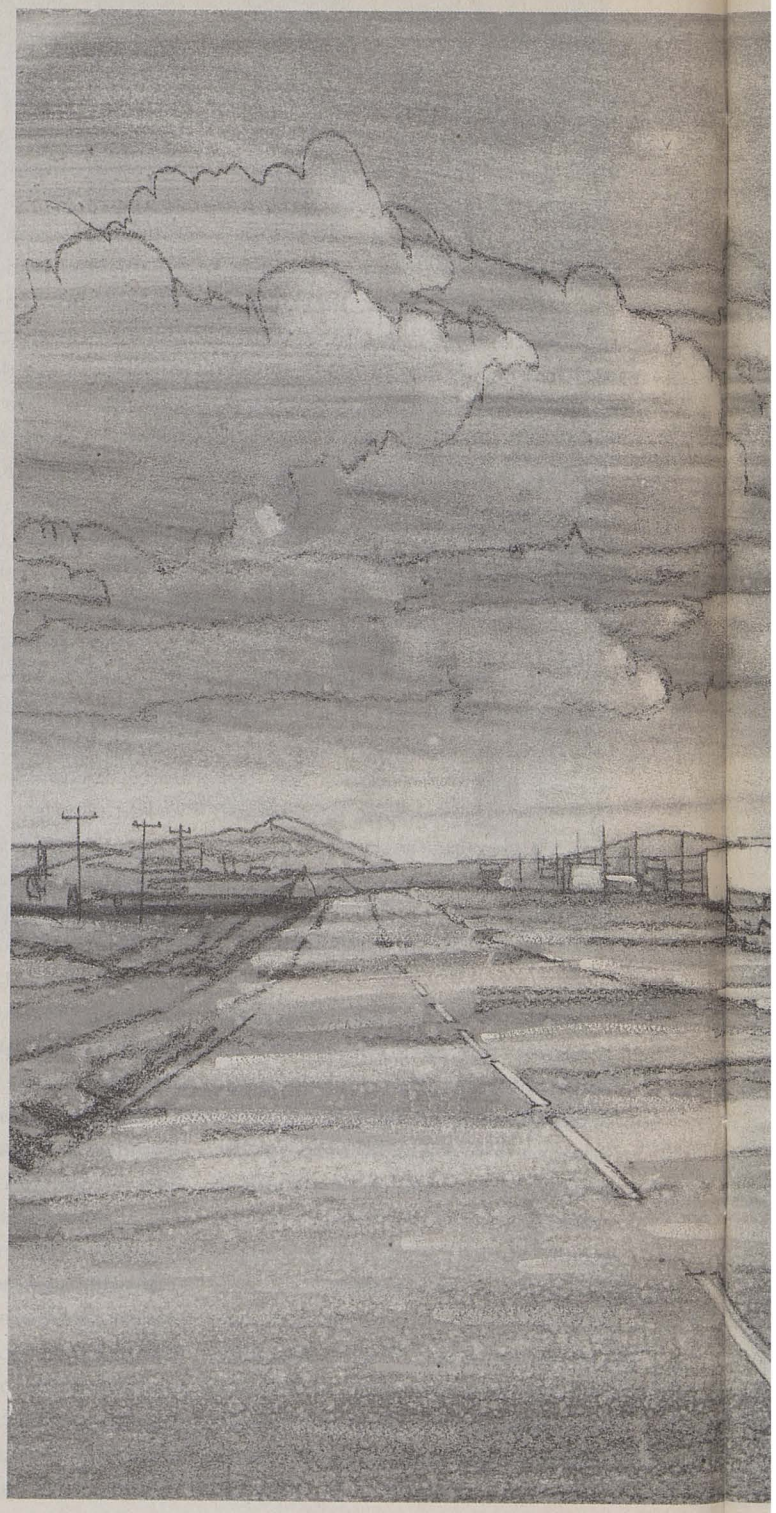
Quanto mais vivo e sirvo como membro do Quorum do Doze Apóstolos, mais admirado fico ao ver algumas pessoas que realmente assumiram o compromisso de servir ao Senhor Jesus Cristo.

Há algum tempo, presidi uma conferência regional em La Paz, Bolívia, no alto dos Andes. Os membros que chegavam à conferência vinham de cidadezinhas e vilarejos espalhados por toda a área de La Paz e do Altiplano.

Antes do início da sessão de treinamento do sacerdócio, fiquei em frente da sede da estaca, cumprimentando os irmãos que chegavam. Um irmão idoso me disse, por meio de um intérprete, que morava muito longe de La Paz. Notei que sua camisa tinha uma tonalidade diferente abaixo do peito. A parte de cima era branca e a de baixo, marrom avermelhada.

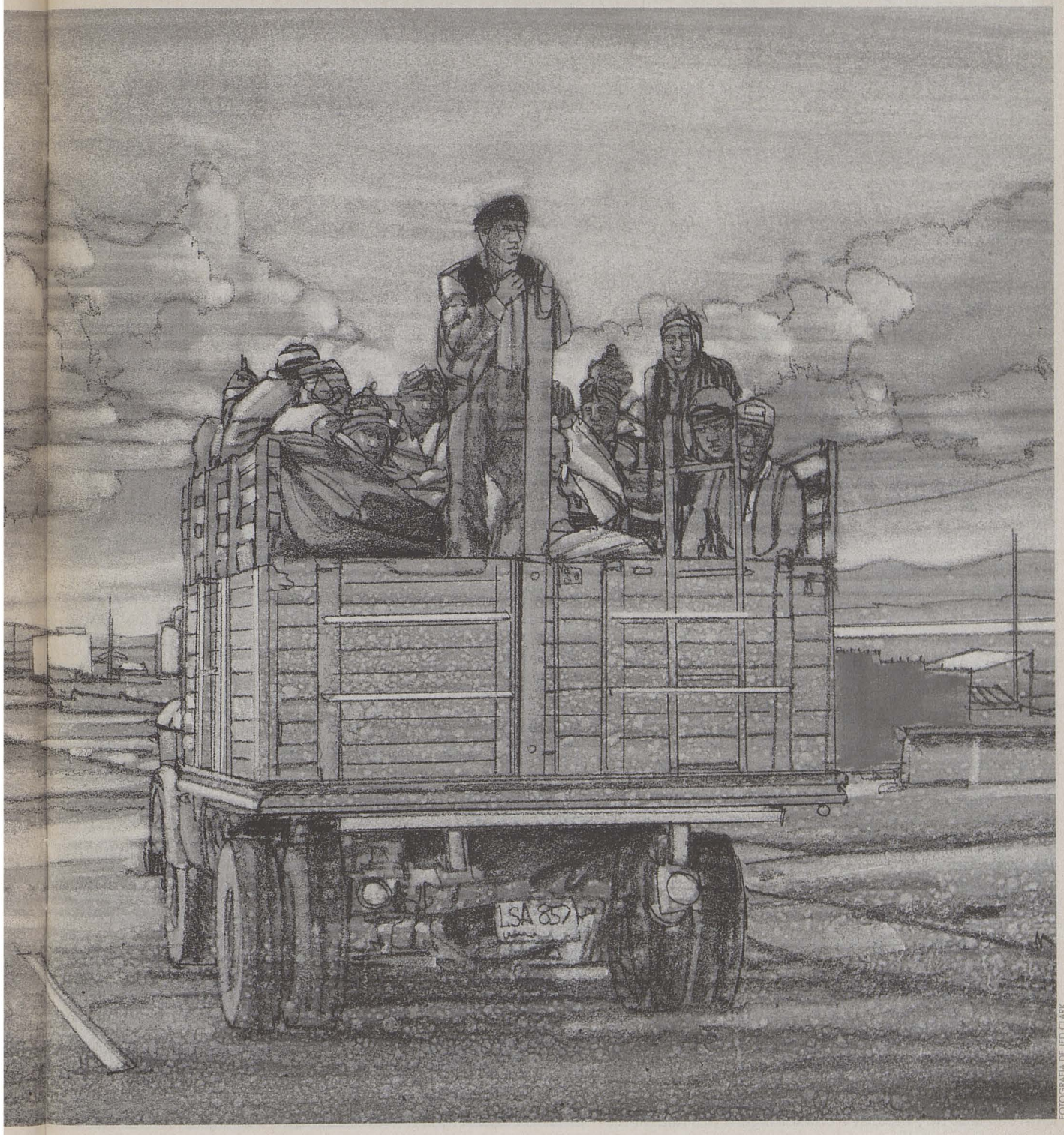
Soube que ele, juntamente com outros três portadores do Sacerdócio de Melquisedeque, tinham viajado mais de oito horas para comparecerem à reunião. Quase todo o percurso fora feito a pé, tendo que atravessar dois rios com água barrenta batendo-lhes no peito. Quando chegaram à estrada que levava a La Paz, pediram carona ao motorista de um caminhão. Os quatro homens viajaram em pé, na carroçaria do caminhão, por mais duas horas, até chegarem ao centro da estaca.

Mal pude acreditar que alguém se sentisse tão



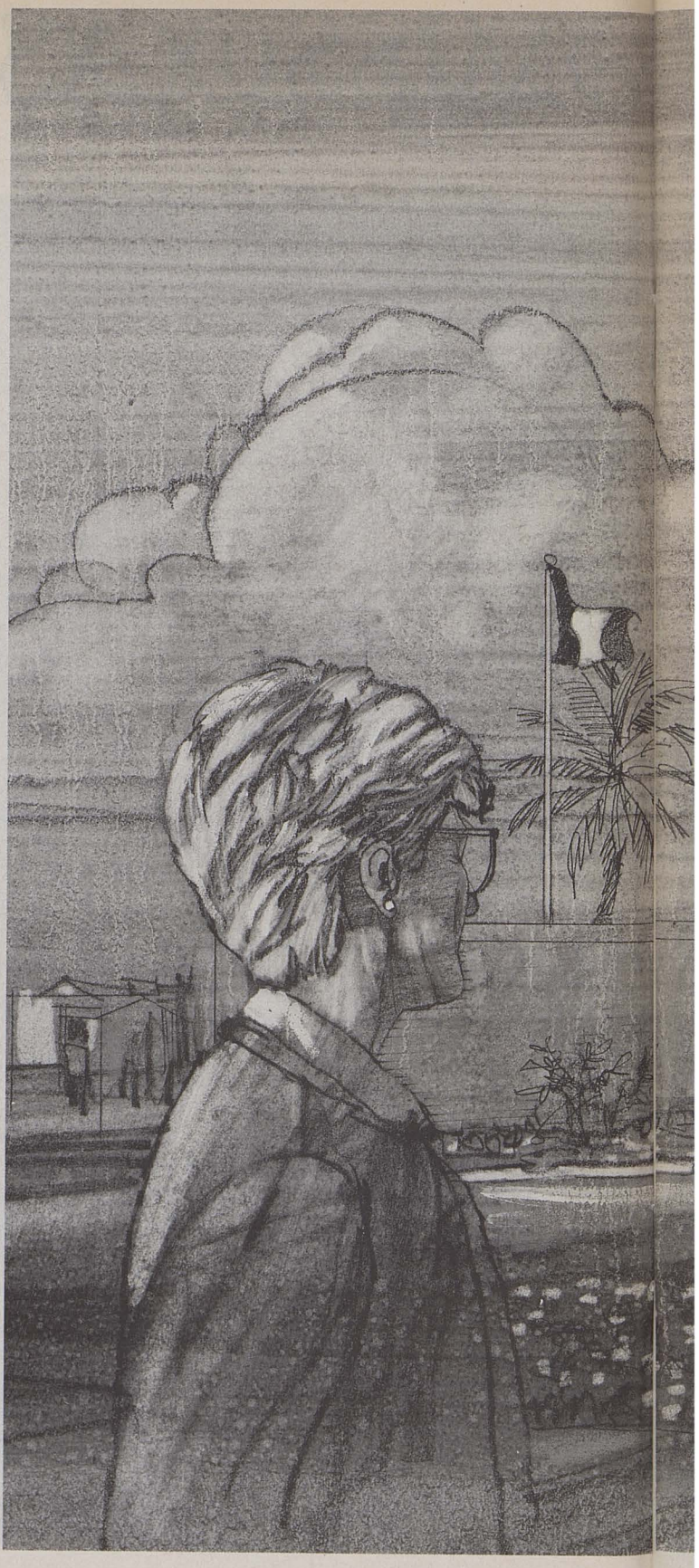
Membros fiéis demonstraram compromisso e coragem ao percorrerem grandes distâncias, utilizando todos os meios possíveis, para assistirem a uma conferência regional.

ROMISSO ASSUMIDO



FOTOGRAFIA DE JED CLARK

Superando desafios como tempo, dinheiro e distância, uma irmã peruana demonstra extraordinária dedicação em seu chamado no Templo de Lima, Peru.



comprometido com uma causa, com tanta fé e coragem. Quando demonstrei preocupação por aquele querido irmão, ele disse: "Irmão Ballard, o senhor é um Apóstolo do Senhor Jesus Cristo. Eu teria caminhado qualquer distância, atravessado quantos rios fosse necessário, para ouvi-lo dizer o que o Senhor quer que eu faça, como líder do sacerdócio na Igreja".

Com essa resposta, meus olhos se encheram de lágrimas. Nós nos abraçamos como irmãos no sacerdócio de Deus. Também soube que ele e seus companheiros não comeram nada e não tinham onde passar a noite. Graças à bondade dos santos de La Paz, conseguiram acomodações para o fim-de-semana.

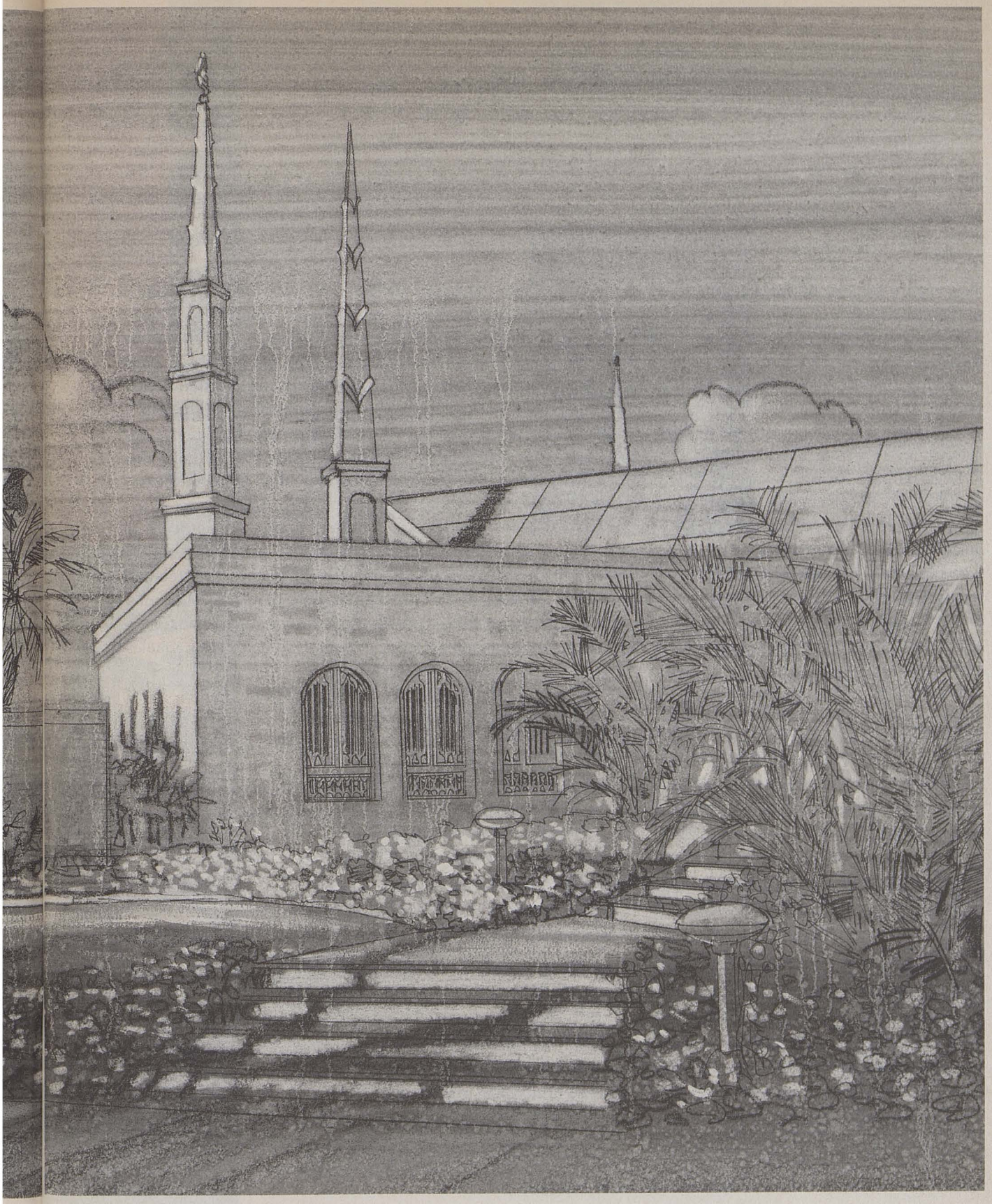
Aqueles irmãos não são os únicos que assumiram o compromisso de servir ao Senhor. Lembro-me de uma irmã do Peru, que foi chamada pelo bispo para ser "procuradora especial" no Templo de Lima. Seu dia começa às três horas da manhã, e ela sai de casa às quatro horas. Toma três ônibus para chegar ao templo. Gasta mais de um terço de sua pequena renda mensal em transporte. Mesmo durante uma greve de ônibus em Lima, ela continuou a ir ao templo. Certa vez chegou na carroceria de um caminhão.

Que exemplo de dedicação!

Recebi uma carta de um excelente rapaz que está no Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah. Esta é a história do compromisso assumido por ele:

"Nadar sempre foi uma das coisas mais importantes para mim, e minha família fez sacrifícios inacreditáveis para que eu me aperfeiçoasse nesse esporte. Levantava-me às quatro horas da manhã, junto com meu pai, que me levava para o local de treinamento. E todas as tardes ia buscar-me. O custo das viagens para as competições realizadas em várias partes do país era muito alto, mas, meus pais sempre encontraram um jeito de me fazer participar.

Eu ia indo muito bem, e qualifiquei-me para o pré-olímpico. Fazia parte da equipe de natação da Universidade do Arizona, e éramos alguns dos nadadores



mais velozes do país. Ao mesmo tempo, tentava decidir se cumpriria missão.

Só me restava mais um ano para nadar na equipe da faculdade. Se eu permanecesse, seria o capitão da equipe e também ganharia uma bolsa integral para pagar meus estudos, mas, embora continuasse a treinar diariamente para os testes de qualificação para as Olimpíadas, decidi mandar meus papéis da missão.

Logo fui para Austin, Texas, para me submeter aos testes. Minha equipe era uma das mais cotadas, e oito de nós fazíamos um tempo suficientemente bom para nos qualificarmos. No entanto, as coisas não correram bem para mim, e não fui selecionado. A meta pela qual lutara toda a minha vida, e que meus pais haviam atravessado o país para me ver atingir, estava fora do meu alcance. Queria pular imediatamente na piscina e começar a treinar para as Olimpíadas seguintes.

Lembrei-me, então, de que mandara os papéis da missão. Como poderia deixar a equipe de natação da faculdade como um perdedor? Meu treinador disse-me que sabia que eu tinha condições de bater os recordes que desejava no ano seguinte e que, se fosse para a missão, estaria jogando fora o trabalho de toda uma vida.

A semana seguinte foi um tormento. Vi-me numa encruzilhada. Conversei com os líderes da Igreja e orei muito. Por fim, recebi uma forte confirmação de que aquele era o momento de ir para a missão. Não se discute com o Espírito.

Estou na missão agora. Não me arrependo dessa decisão e estou mais feliz do que nunca. Foi difícil, mas, quando perdemos a vida por amor a Cristo, nós a achamos. Sei o que significa ter o potencial para fazer algo e quase chegar lá. É um pequeno tormento. Não quero que isso aconteça quando estiver face a face com meu Deus, no Dia do Julgamento. É preciso assumir compromissos.

Creio que temos de decidir agora. Não perguntava a mim mesmo todos os dias se queria ir treinar ou dormir. Já havia decidido isso e não precisava decidir novamente. Temos que assumir compromissos, mas, para nos comprometermos totalmente, precisamos da ajuda do Senhor. Precisamos ser disciplinados e estar comprometidos com o que prometemos, mesmo depois de a emoção que nos levou a essa decisão ter passado."

Todos enfrentamos desafios na vida. Os desafios dos que vivem em relativa prosperidade são diferentes dos que vivem em circunstâncias mais humildes, mas, todos podemos assumir compromissos, e esses compromissos devem levar-nos à ação. Não importa se precisamos caminhar oito horas e atravessar riachos com as melhores roupas para assistirmos a uma reunião do sacerdócio, ou se precisamos deixar de lado uma meta que tentamos alcançar durante toda a vida, para cumprir uma missão, o Senhor vê e abençoa aqueles que o servem com dedicação.

Em Tiago 2:14–26 aprendemos que, para demonstrarmos fé precisamos agir.

"E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano,

E algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos, e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?

Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma" (versículos 15–17).

Quando chegar o momento de sacrifício por aquilo que acreditamos, teremos fé suficiente para fazer tal sacrifício? Assumimos o compromisso de fazer tudo que o Senhor nos pedir? Somos disciplinados para cumprir tal compromisso, mesmo quando não nos parecer conveniente ou agradável? Gostaria de encorajar cada um de vós a prometerdes ao Senhor, que fareis tudo o que ele e seus servos vos pedirem. Pode ser um sacrifício grande ou pequeno. Que todos vós, porém, tenhais a força e a integridade para transformardes vossa fé em ação, para que possais comparecer sem culpa perante o Senhor, sabendo que fizestes o possível para servi-lo. □

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • OUTUBRO DE 1992

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON

OS AMLICITAS

Amlici era um homem muito astuto, que queria ser rei dos nefitas. Homem iníquo, ele tinha muitos seguidores que desejavam nomeá-lo rei.
Alma 2:1–2

Os nefitas justos ficaram temerosos. Não queriam que Amlici fosse o seu rei. Eles sabiam que Amlici desejava destruir a igreja de Deus.
Alma 2:3–4

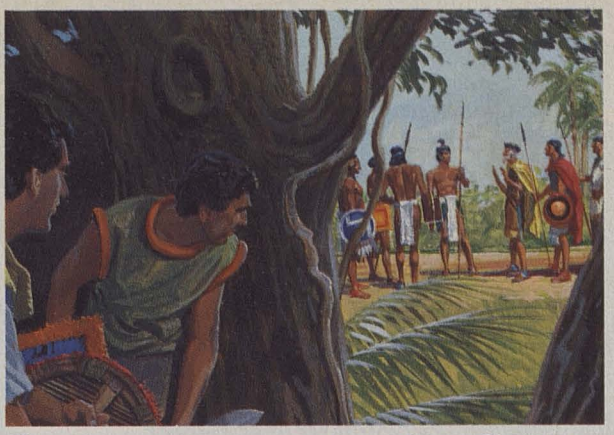
Os nefitas se reuniram em vários grupos para decidir se Amlici deveria ser rei. A maioria votou contra Amlici. Ele não foi proclamado rei.
Alma 2:5–7

ILUSTRADO POR JERRY THOMPSON

Amlici e seus seguidores ficaram zangados. Proclamaram Amlici seu rei e chamaram-se amlicitas. Amlici ordenou-lhes que lutassem contra os nefitas.
Alma 2:8–11

Os nefitas justos prepararam-se para se defender, armados com arcos, flechas, espadas e outras armas.
Alma 2:12–13

Os amlicitas atacaram. Os nefitas, porém, liderados por Alma e fortalecidos pelo Senhor, mataram muitos amlicitas. O restante dos amlicitas fugiu.
Alma 2:15–19



Alma enviou espiões para seguir os amlicitas. Os espiões relataram que os amlicitas se haviam unido a um grande exército de lamanitas e estavam atacando os nefitas perto de Zarahemla. Alma 2:21–24

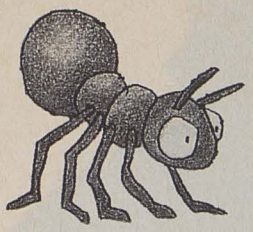
Os nefitas oraram e Deus os ajudou novamente. Mataram muitos soldados do exército dos lamanitas e amlicitas.
Alma 2:28

Alma e Amlici lutaram com espadas face a face. Alma orou pedindo que sua vida fosse poupada, e Deus lhe deu força para matar Amlici.
Alma 2:29–31

Os nefitas perseguiram os lamanitas e amlicitas no deserto. Muitos dos feridos morreram e foram comidos por animais selvagens.
Alma 2:36–38

Pintando-se de vermelho como os lamanitas, os amlicitas cumpriram a palavra do Senhor. Afastaram-se das bênçãos do evangelho.
Alma 3:4, 14, 18–19

ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI



"Mãe, chamou Marla, franzindo as sobrancelhas, "estou com fome"!

"O almoço ainda não está pronto, mas enquanto espera pode brincar", disse a mãe.

Marla desfez a expressão carrancuda. "Está bem!"

A mãe pegou um rolo de barbante, abriu a porta dos fundos e disse: "Venha comigo".

Marla saiu pulando ao lado da mãe. A luz do sol refletia no cabelo da mãe, enquanto faziam um círculo bem grande de barbante no quintal.

"Dentro deste círculo", explicou a mãe, "estão muitas maravilhas do mundo de Deus. Enquanto eu preparo o almoço, você vai contá-las."

O sorriso de Marla desapareceu. "Só consigo ver grama".

"Observe cuidadosamente. Nem todas as maravilhas criadas por Deus são grandes", explicou a mãe.

Marla sentou-se dentro do círculo. Viu uma violeta púrpura florescendo.

Em seguida, descobriu uma noz esquecida pelos esquilos. A casca marrom tinha rachado e um broto crescia para fora dela. Marla olhou atentamente para os galhos altos, repletos de folhas que estavam acima dela. *Será que este pequenino broto se transformará numa árvore tão grande?* imaginou ela.

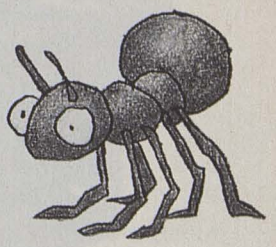
Perto dali, uma minhoca abria caminho pela terra, parecendo dizer "alô" com seu movimento.

Então, os olhos de Marla viram minúsculas formigas andando pela floresta de grama.

Quando a mãe voltou, Marla orgulhosamente contou-lhe o que havia descoberto.

"É uma boa detetive", elogiou a mãe, "mas, vejo uma das maravilhas criadas por Deus que não percebeu — uma bem grande, comparada a todas as demais."

"Onde? Onde?" perguntou Marla, olhando à sua volta.

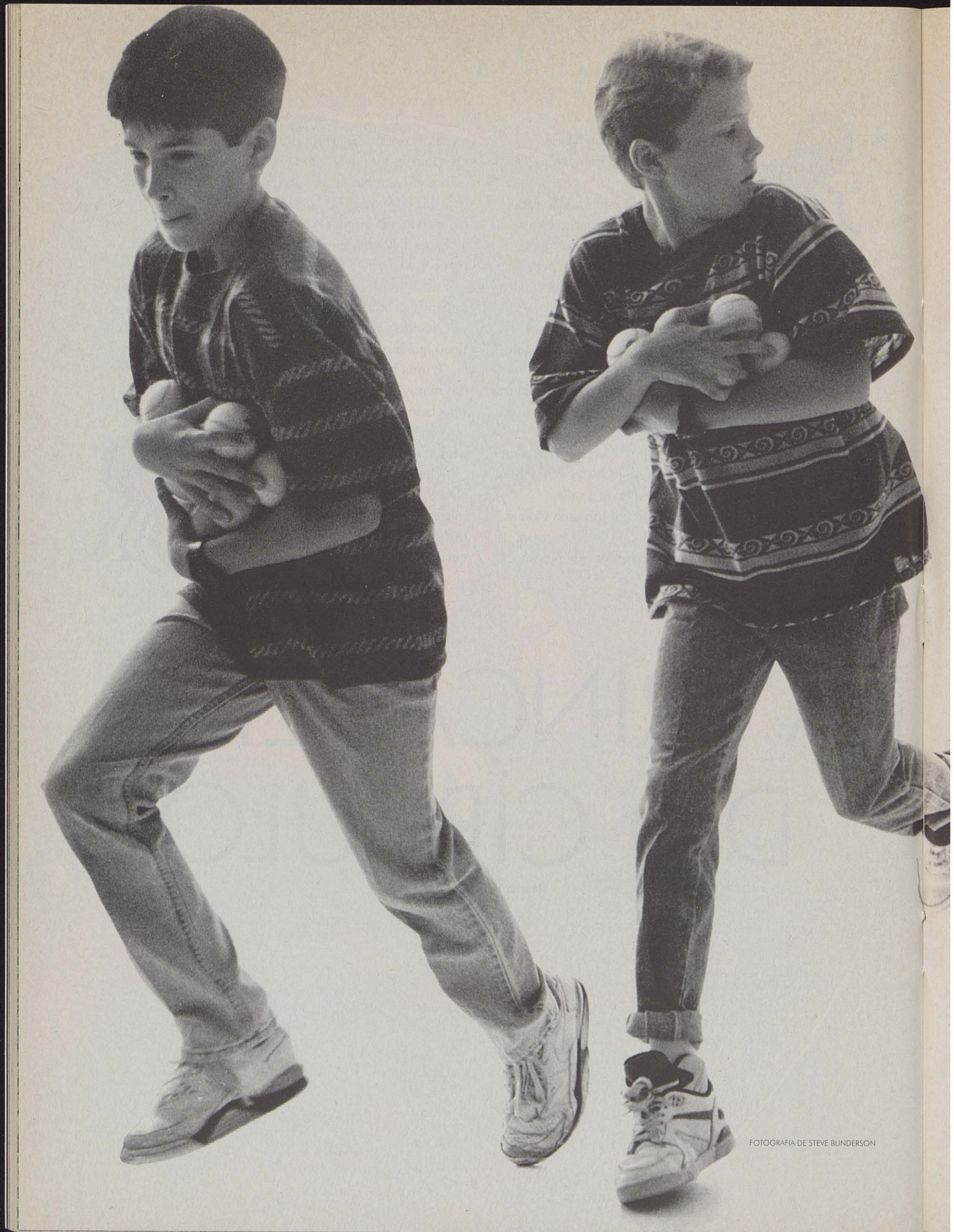


"Ora! A minha filhinha é claro!" disse-lhe a mãe. "Para mim, você é a maravilha mais especial, criada por Deus, neste círculo." □

A BRINCADEIRA DO CÍRCULO

Nancy Harding Groves

ILUSTRADO POR SHAUNA MOONEY KAWASAKI



FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON

É POSSÍVEL!

Guy Fitzgerald

Chris me seguiu, ajudou-me a juntar um punhado de bolas de tênis, e depois correu comigo, atravessando um buraco na cerca.

Percebi que os jovens diáconos perdiam o interesse à medida que meu companheiro de missão falava. Ele explicava a importância de se fazer a obra missionária com os amigos.

Finalmente, um jovem falou abertamente: "O que posso fazer? Tenho apenas treze anos. Meus amigos não estão interessados na Igreja. E mesmo que estivessem, seus pais não permitiriam que eles fossem batizados".

Meu companheiro continuou falando com os jovens, mas minha mente se voltou para o tempo em que eu tinha doze anos.

Eu tinha um grande amigo, Chris. Fazíamos tudo juntos, mas quando alguns de nós nos reuníamos para fazer alguma travessura, como os meninos algumas vezes fazem, Chris se recusava a tomar parte. Dizia que seus pais ficariam zangados se descobrissem.

Certo dia, convenci Chris a roubar bolas de tênis de alguns homens que estavam jogando nas quadras do bairro. Ele me seguiu, e até me ajudou a juntar um punhado de bolas. Depois correu comigo, atravessando um buraco na cerca. Quando chegamos à minha casa, notei que Chris estava muito pálido.

"O que há ?" perguntei.

"Precisamos devolver estas bolas", disse ele bruscamente.

"De jeito nenhum! Agora elas são nossas", repliquei. Chris apossou-se delas e começou a correr. Sempre corri mais depressa do que ele, mas naquele dia não consegui alcançá-lo. Ele se dirigiu diretamente aos jogadores de tênis e devolveu todas as bolas. Disse que sentia muito, e então fez algo que eu nunca tinha visto. Pediu-lhes perdão. Achei que os homens iam chamar a polícia, mas eles deixaram Chris ir embora.

Quando chegamos em casa, fiz algumas perguntas a meu melhor amigo.

"Sou mórmon", disse ele.

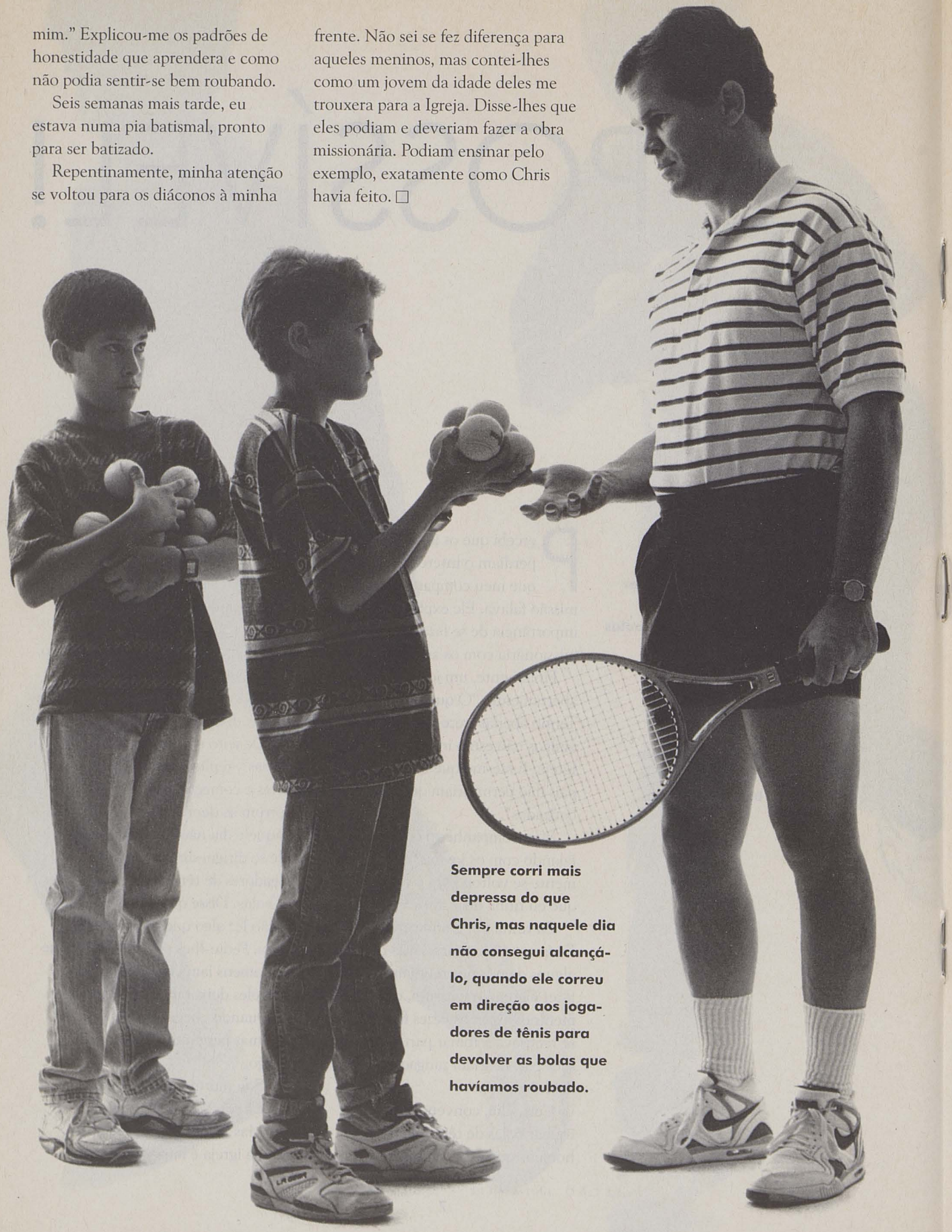
"Eu sei. Você já me disse."

"Mas não lhe disse o quanto minha igreja é importante para

mim." Explicou-me os padrões de honestidade que aprendera e como não podia sentir-se bem roubando.

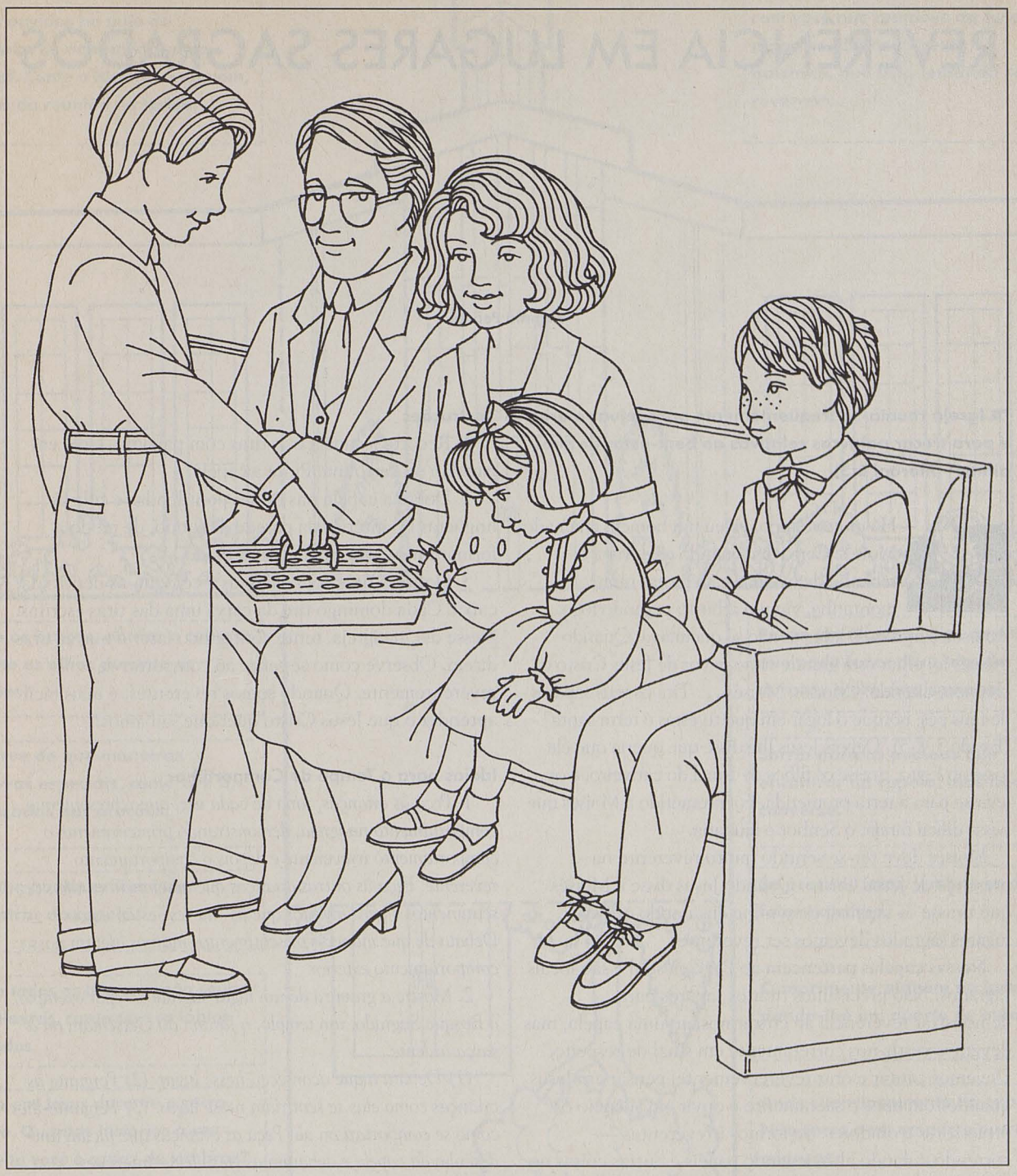
Seis semanas mais tarde, eu estava numa pia batismal, pronto para ser batizado.

Repentinamente, minha atenção se voltou para os diáconos à minha frente. Não sei se fez diferença para aqueles meninos, mas contei-lhes como um jovem da idade deles me trouxera para a Igreja. Disse-lhes que eles podiam e deveriam fazer a obra missionária. Podiam ensinar pelo exemplo, exatamente como Chris havia feito. □



Sempre corri mais depressa do que Chris, mas naquele dia não consegui alcançá-lo, quando ele correu em direção aos jogadores de tênis para devolver as bolas que havíamos roubado.

SÓ PARA DIVERTIR



ILUSTRADO POR ROBYN S. OFFICER

PARA COLORIR

POSSO SER REVERENTE NA IGREJA

"Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí, estou eu no meio deles" (Mateus 18:20).

REVERÊNCIA EM LUGARES SAGRADOS

Virginia Pearce

"A Igreja reunia-se freqüentemente para jejuar e orar, e para trocar palavras relativas ao bem-estar de suas almas" (Morôni 6:5).

Há muito tempo, viveu um homem chamado Moisés. Certo dia, quando ele levava o rebanho de ovelhas para pastar numa montanha, viu um arbusto pegando fogo. Para sua surpresa, o arbusto não se queimava. Quando Moisés foi olhar esta grande visão, a voz de Jesus Cristo o chamou, dizendo: "Moisés, Moisés . . . Tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa" (Êxodo 3:4–5). Depois Jesus lhe disse que queria que ele fosse ao Egito, tirasse os filhos de Israel do cativeiro, e os levasse para a terra prometida. Foi prometido a Moisés que nessa difícil tarefa, o Senhor o ajudaria.

Moisés deve ter-se sentido muito reverente na presença de Jesus Cristo. Quando Jesus disse a Moisés que tirasse os sapatos, estava-lhe ensinando que em lugares sagrados devemos ser reverentes.

Nossas capelas pertencem ao Pai Celestial e são locais sagrados. Não precisamos tirar os sapatos para demonstrar reverência ao entrarmos em uma capela, mas devemos vestir-nos corretamente em sinal de respeito. Devemos cantar e orar reverentemente, pensar em Jesus quando tomamos o sacramento e ouvir em silêncio os professores e oradores. Se formos irreverentes — correndo, falando alto, jogando papéis e outras coisas no chão, perturbando as pessoas — não poderemos ouvir e sentir o que Jesus quer que o Espírito Santo nos diga. Também impediremos que as pessoas sintam seu Espírito.

Quando somos reverentes na igreja, o Espírito Santo nos ajuda a entender e sentir o que Jesus Cristo quer ensinar-nos. Jesus nos disse: "Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus" (Salmos 46:10).

Instruções

1. Recorte a capela e as tiras com palavras. Cole em papelão ou cartolina. Pinte a capela.

2. Dobre a capela nas linhas pontilhadas e cole as lingüetas no interior da parede de fundo, de modo a formar uma caixa. (Não tem telhado.)

3. Corte as tiras com palavras e coloque-as dentro da caixa. Cada domingo tire da caixa uma das tiras escritas. Nesse dia, na igreja, tente com afinco fazer o que as tiras dizem. Observe como se sente ao comportar-se reverentemente. Quando somos reverentes, é mais fácil aprender o que Jesus Cristo quer que saibamos?

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Peça às crianças, uma de cada vez, que representem o comportamento na igreja, demonstrando primeiramente o comportamento irreverente e depois o comportamento reverente. Peça às outras crianças que adivinhem os tipos de sentimentos e pensamentos que os "atores" estão tendo. Debata de que maneira os sentimentos íntimos afetam nosso comportamento exterior.

2. Mostre a gravura de um lugar sagrado — por exemplo, o Bosque Sagrado, um templo, o Jardim do Getsêmani ou a sarça ardente.

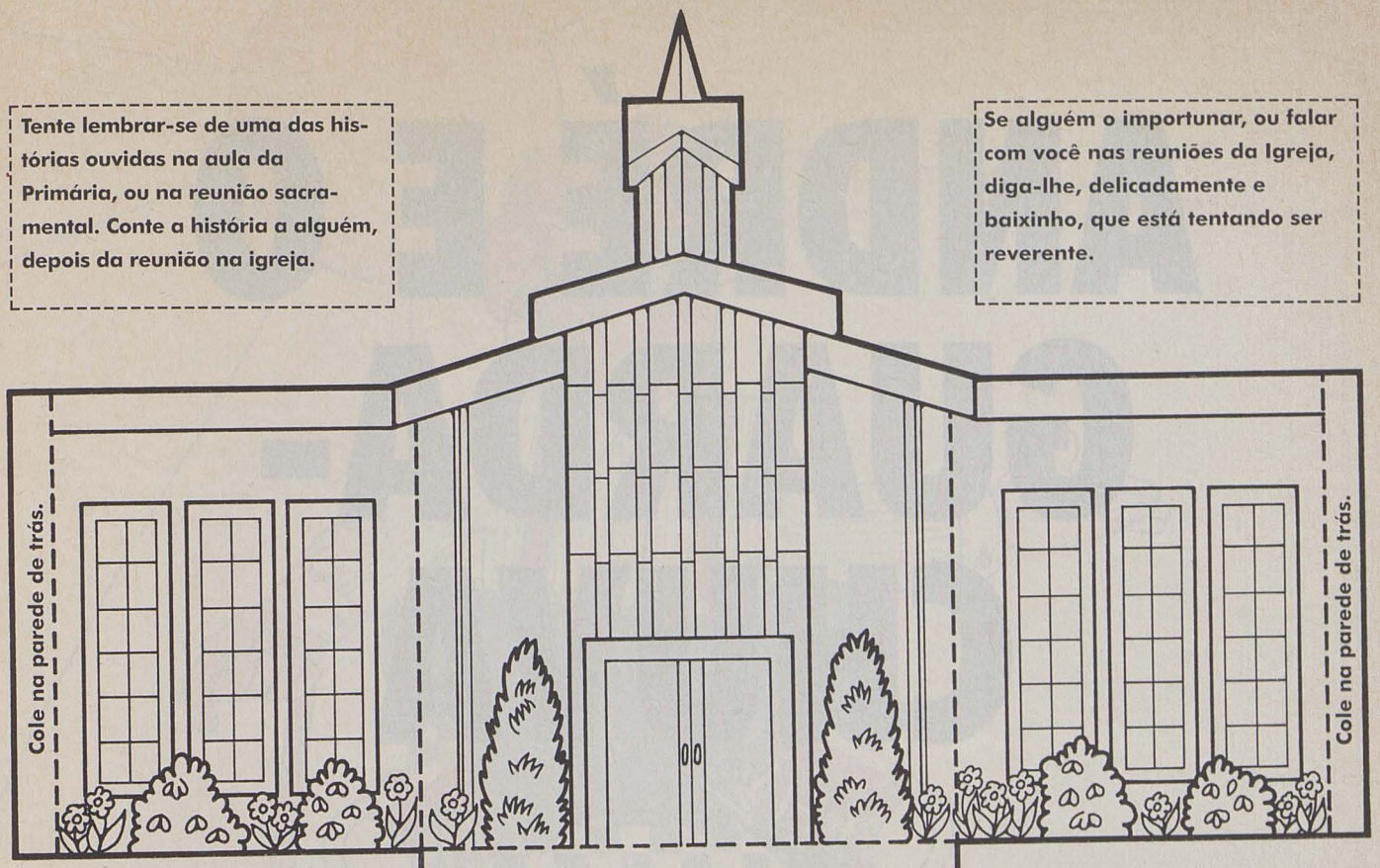
(1) Debata o que aconteceu nesse lugar. (2) Pergunte às crianças como elas se sentiriam nesse lugar. (3) Pergunte-lhes como se comportariam ali. Peça às crianças que façam um desenho da capela e debatam as três idéias anteriores.

3. Leve as crianças menores para dar uma volta pela capela. Peça-lhes que pensem como podem demonstrar reverência pelo edifício. Por exemplo: jogar os papéis e o lixo no cesto, cuidar do gramado, abrir e fechar silenciosamente as portas das salas de aula, sussurrar na capela quando precisarem falar, andar (não correr) nos corredores. □

ILUSTRADO POR CRYSTAL DUTSON

Tente lembrar-se de uma das histórias ouvidas na aula da Primária, ou na reunião sacramental. Conte a história a alguém, depois da reunião na igreja.

Se alguém o importunar, ou falar com você nas reuniões da Igreja, diga-lhe, delicadamente e baixinho, que está tentando ser reverente.



Cruze os braços, abaixe a cabeça e feche os olhos durante as orações.

Observe de que maneiras palavras especiais, como tu e ti, são usadas nas orações.

Apanhe qualquer lixo que encontrar na capela.

Cante todos os hinos. Senão souber as palavras, cante com os lábios fechados.

Pense em Jesus durante o sacramento. Quantas histórias a seu respeito você é capaz de lembrar?

Faça uma oração silenciosa durante o sacramento, agradecendo ao Pai Celestial as suas bênçãos.

Pense em alguma coisa gentil que pode fazer para alguém durante a próxima semana.

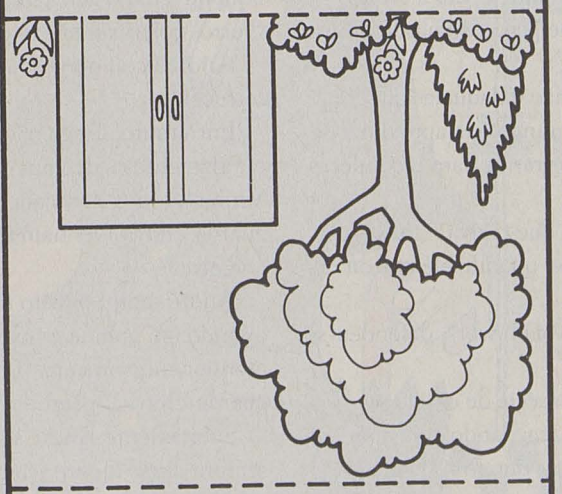
Sorria para as pessoas que encontrar na capela, mas não converse.

Se precisar falar, lembre-se de falar baixinho.

Cumprimente alguém na igreja, dando-lhe um aperto de mão.

Ande silenciosamente na capela. Não corra nem empurre outras crianças.

Faça uma oração silenciosa durante o sacramento, pedindo ajuda ao Pai Celestial para sentir o seu Espírito.



Dobre e cole

ILUSTRADO POR CRYSTAL DUTSON

ANDRÉ E O GUARDA-CHUVA

Joyce Pease

"André, não se esqueça do guarda-chuva."

"Ah! Mãe, não vai chover", disse André. "Vou parecer um bobo carregando um guarda-chuva para a escola, quando o sol está brilhando." Ele pegou o guarda-chuva e começou a subir a rua.

"Por que este guarda-chuva não é daqueles que dobram e ficam pequenos?" resmungou ao aproximar-se do final do quarteirão. "É muito grande para esconder debaixo de minha jaqueta!"

"Olá, André. Está com medo que chova?" foi a saudação de um grupo de amigos, quando ele entrou no pátio da escola.

"O meteorologista disse que vai chover", defendeu-se André.

"Oh! É claro — só que esta espécie de chuva se chama tempo bom", disse Tiago, caçoando dele com um enorme sorriso. As outras crianças deram risada.

Na hora do recreio, o céu ainda estava ensolarado, e André ficou feliz por ninguém ter tocado no assunto do guarda-chuva. Depois do almoço, porém, Tiago apareceu no pátio, com o guarda-chuva na mão! Estendeu-o a André. "Achei que você queria isto", disse ele. "Tem uma nuvem no céu agora!" Tiago teve um acesso de riso. Outros colegas também começaram a rir.

André ficou nervoso e mordeu o lábio para não retrucar.

Entretanto, Tiago não parava de caçoar dele. Subiu rapidamente os degraus do prédio da escola e gritou: "Ei! Venham todos — vejam André, o único, e seu famoso guarda-chuva. Venham todos! O espetáculo já vai começar!"

André sentiu o rosto ficar vermelho de vergonha, quando um grande grupo de crianças se virou e olhou atentamente para ele. "O que há de tão famoso nesse guarda-chuva?" perguntou o grupo.

Subitamente André se lembrou do que sua mãe sempre dizia: "Tente sempre manter a calma. Não permita que nada nem ninguém abale seu ânimo."

Tudo bem! disse para si mesmo. *Vou concordar com eles!* Ficou em pé e saudou a audiência com uma mesura

ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG

ILUSTRADO POR JULIE F. YOUNG

dramática. "Senhoras e senhores", começou ele. "Talvez isto pareça um guarda-chuva comum, normal, mas acontece que é muito especial. Observem — vou mostrar-lhes."

André segurou o guarda-chuva fechado pelo cabo, e com a cabeça erguida, andou empertigado no centro do círculo formado pelas crianças. Explicou ele: "É uma elegante bengala. Somente pessoas muito importantes a usam."

Depois segurou o cabo perto do rosto e apontou a outra extremidade para o céu. "Agora é um telescópio", declarou. "Vejo Júpiter, e Marte, e todas as estrelas, mesmo à luz do dia."

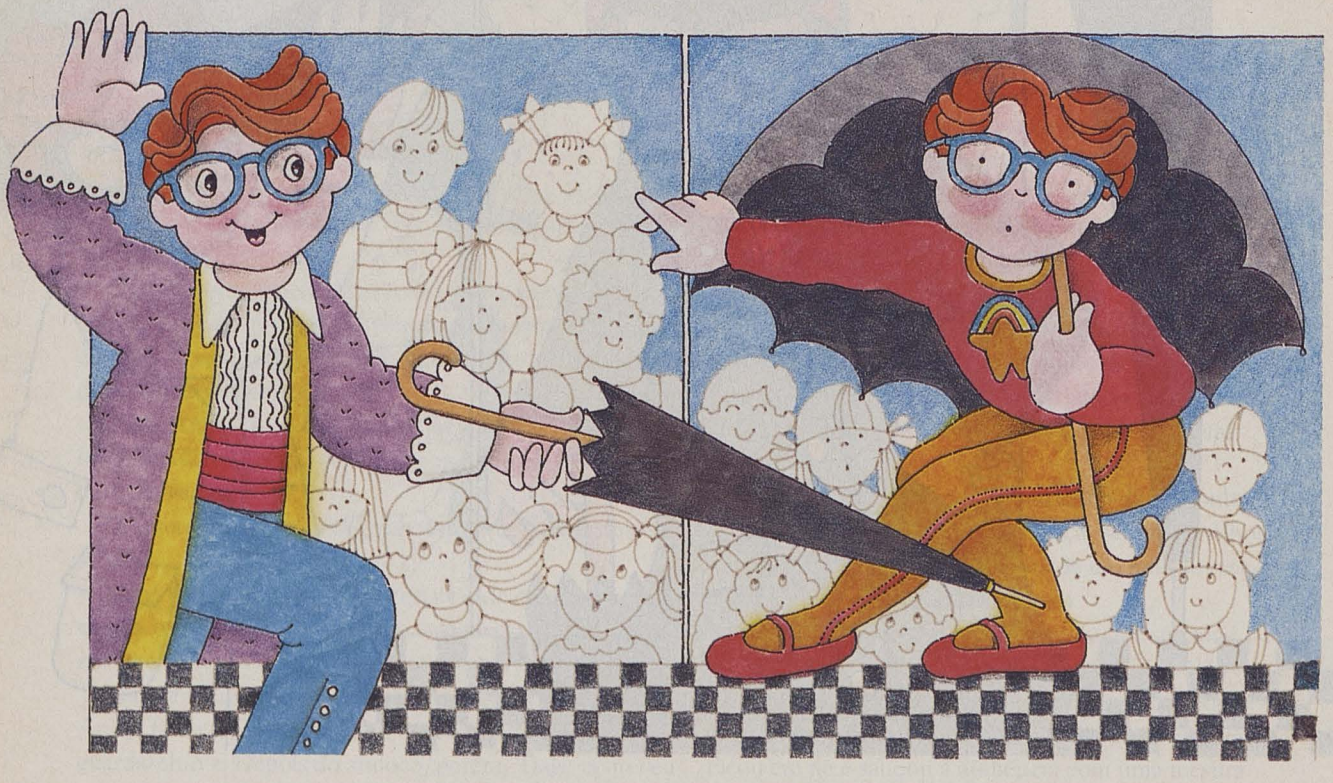
"Em guarda!" gritou ele ao dobrar os joelhos em posição de esgrimista. Com o outro braço elevado, golpeava o ar com sua "espada".

As crianças começaram a aplaudir. "Mais! Mais!" bradavam elas.

Com grandes gestos dramáticos, André abriu o guarda-chuva e segurou-o acima da cabeça. Pisava cuidadosamente, fingindo andar na corda como o equilibrista do circo.

Ao aproximar-se de um dos colegas, fechou rapidamente o guarda-chuva e espetou a extremidade pontuda num pedaço de papel jogado no chão. "Viram?" disse ele, "também serve para apanhar o lixo do chão".

Agora os colegas estavam rindo *com ele* e não *dele*. "Grande! André", disseram eles. "Que mais



você pode fazer com o guarda-chuva?"

André agarrou o meio do guarda-chuva e começou a assobiar uma melodia enquanto dava voltas empertigadamente como se fosse o maestro de uma banda, agitando uma batuta. Parou e rodopiou o guarda-chuva na mão várias vezes.

Finalmente, abriu o guarda-chuva, colocou-o no chão com o cabo para cima e disse: "Isto é uma antena parabólica". Virou o cabo para baixo e rastejou até debaixo dele. "Pode ser uma boa tenda ou também uma fortaleza".

Nesse momento soou o sinal. As crianças voltaram para a sala de aula.

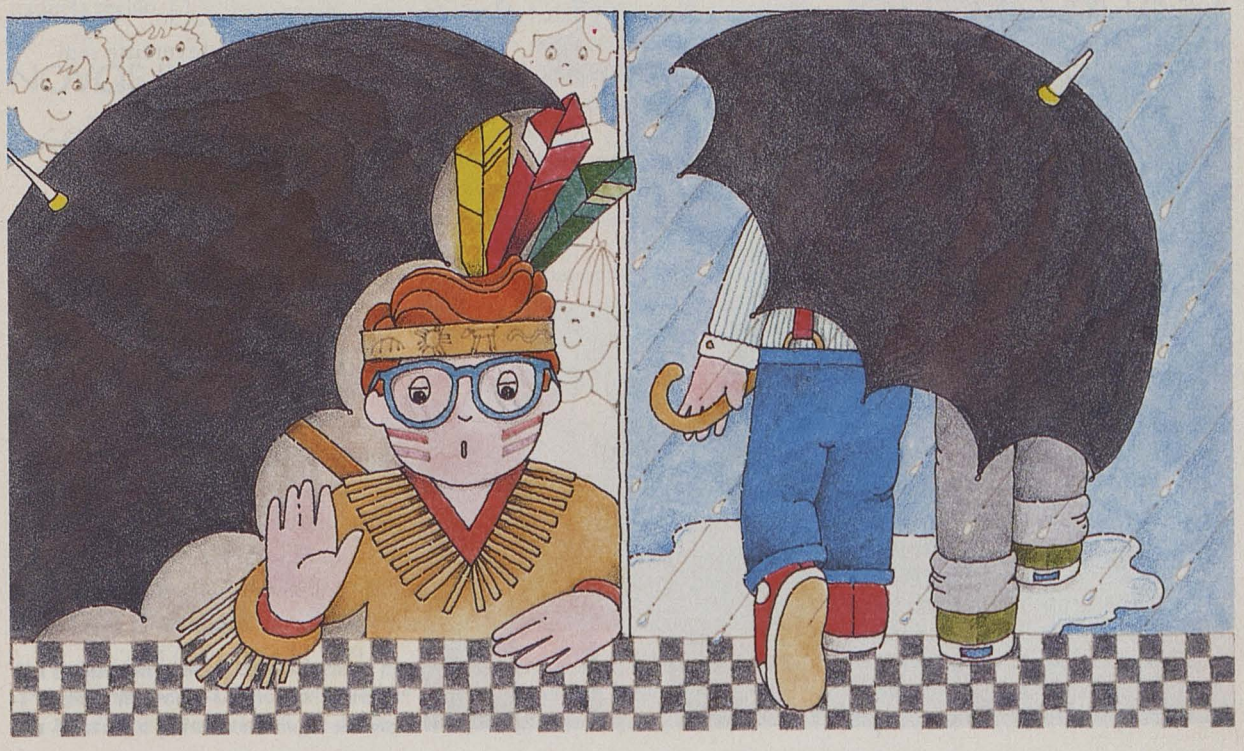
Quinze minutos antes de terminarem as aulas, começou a chover. Quando André saiu da escola, a chuva leve se transformou em tempestade. Abriu o guarda-chuva e sorriu para si mesmo. *Minha mãe estava certa, como sempre*, pensou ele.

Passou pelos carros alinhados em frente à escola. Bem mais adiante, André viu Tiago de cabeça baixa e ombros encolhidos, cabisbaixo. Como sabia que Tiago sempre ia a pé para casa, André correu para fazer companhia ao colega. "Esqueci de mostrar a coisa mais importante que este guarda-chuva pode fazer", disse a Tiago.

André segurou o guarda-chuva de modo a cobrir a cabeça dos dois. "Também é ótimo para evitar que um amigo se molhe."

Tiago endireitou-se e sorriu, agradecido.

"Obrigado, André", disse ele. □



REVERÊNCIA

Élder L. Tom Perry
do Quorum dos Doze Apóstolos

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento" (Mateus 22:37).

Certo domingo minha neta Diana, de quatro anos, estava ao lado do pai na capela, reverente, gozando o conforto do braço do pai, aconchegando-a. Quando o bispo se levantou e anunciou o hino sacramental, Diana gentilmente ergueu o braço do pai dos ombros e colocou-o no colo. Sentou-se ereta e cruzou os braços.

ILUSTRADO POR BETH WHITTAKER

Olhou para o pai, incentivando-o a fazer o mesmo.

A mensagem de Diana ao pai era clara. Sugeria-lhe que voltasse sua atenção total e plenamente ao Salvador.

Reverência é uma atitude do mais profundo amor e respeito para com o Pai Celestial e o Senhor Jesus Cristo. Não basta comportar-se reverentemente; precisamos sentir reverência no coração.

Comportamento reverente sem atitudes reverentes não tem sentido, se sua finalidade for somente o louvor dos homens.

Reverência é algo que sentimos interiormente, não importando o que aconteça à nossa volta. É uma responsabilidade pessoal. Não podemos culpar outros por perturbar nossa atitude reverente.

Os verdadeiramente reverentes são aqueles que pagaram o preço para conhecer a glória do Pai e do Filho. Sejamos o exemplo pessoal como testemunha viva do amor e respeito por aquele que chamamos de "Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (2 Néfi 19:6).□

(Adaptado de um discurso da conferência geral de outubro de 1990.)

REPARTIR OS FRUTOS DO SERVIÇO CARIDOSO

Neste ano de 1992, estamos comemorando o sesquicentenário da Sociedade de Socorro. Em todo o mundo, as mulheres da Sociedade de Socorro celebraram este evento, prestando serviço ao próximo. As mulheres da primeira Sociedade de Socorro, em Nauvoo, tentavam identificar as necessidades de seus semelhantes e davam o que podiam — um saco de farinha, um pedaço de tecido, agulha e linha, horas de trabalho, e sempre demonstravam preocupação com o bem-estar umas das outras. Atualmente, as irmãs também sabem como auxiliar seus semelhantes.

"A caridade é ajuda", diz a presidente geral da Sociedade de Socorro, Elaine L. Jack, "porém é mais do que isso. É uma atitude do coração. Embora a caridade seja uma parte essencial de nossa vida, as maneiras de desenvolvermos e praticarmos caridade variam tanto quanto a vida de cada um".

Não importa se nossos projetos de serviço foram angariar óculos usados para doar aos que têm problemas de visão, ou lavar janelas e esfregar o chão para os idosos, ou ler aos inválidos confinados em casa ou hospitais, ou alegrar as crianças de um orfanato, as sementes do serviço ao próximo resultaram em uma colheita produtiva.

Paulo ensinou: "O que semeia em abundância, em abundância também ceifará . . .

E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça a fim de que tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra" (II Coríntios 9:6, 8).

ILUSTRADO POR DOUG FAKKAL

Como podemos ajudar o próximo em nossa ala e comunidade?

"NÃO NOS CANSEMOS DE FAZER O BEM"

Tendo o desejo de servir, a irmã Marilyn Jones, de Sydney, Austrália, realizou uma tarefa que a princípio parecia impossível. Seu filho era deficiente físico, e a irmã Jones sabia que ele e outras pessoas deficientes seriam beneficiados com a criação de um centro de recreação no bairro. Havia restrições de zoneamento que precisavam ser mudadas. Ela solicitou ajuda e preencheu inúmeros formulários solicitando fundos ao governo. Foram precisas muitas horas de conversa para convencer outras pessoas a ajudá-la.

Depois de oito anos, Marilyn e os vizinhos viram os resultados de seu trabalho caridoso. O programa de recreação da comunidade, que eles dirigem, abençoa centenas de crianças com deficiências físicas.

O Apóstolo Paulo ensinou que a persistência é necessária ao servir como ao plantar e colher. "E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido" (Gálatas 6:9). Podemos plantar uma boa semente, mas precisamos despender longas horas cuidando da planta, para podermos fazer a colheita.

E, quando servimos ao próximo, nossa colheita é sempre dupla. Primeiro, nosso serviço abençoa aqueles a quem servimos. Segundo, somos abençoados com ajuda divina, à medida que servimos.

Como o planejamento e a perseverança nos ajudam?

SERVIÇO CONTÍNUO

"Existem muitas desculpas para não ajudarmos nossos semelhantes," diz a Presidente Jack. "A maioria de nós está ocupada com nossas responsabilidades pessoais. Talvez, não queiramos interferir na vida alheia. Às vezes, é muito mais cômodo ficar exatamente onde estamos — longe daqueles que estão sofrendo. Todavia, quando servimos ativamente, as bênçãos chovem sobre nós e os outros."

Convidamos todas as irmãs da Sociedade de Socorro a continuarem como "cumpridoras da palavra e não somente ouvintes" (Tiago 1:22), com a disposição de prestarem serviço caridoso na vida.

Quais as bênçãos que recebemos quando servimos as pessoas que nos cercam? Como são abençoados aqueles a quem servimos? □

"O Livro Mudou Minha Vida"

LaRene Gaunt

Membros da Igreja compartilham seu testemunho do Livro de Mórmon

"Já sentiu alguma vez que sua vida está totalmente fora de controle?" pergunta Gwen Legler, de Arlington, Washington. "Então você passa o tempo se preocupando. Assim era minha vida há alguns anos. Eu ficava constantemente aborrecida e aflita em relação ao nosso futuro.

Certo dia, ao ler o Livro de Mórmon cheguei a 2 Néfi 4:27 'Por que daria eu lugar às tentações, para que o maligno tivesse entrada em meu coração para destruir minha paz e afligir minha alma?' Um raio não poderia ter penetrado minha alma mais profundamente do que essas palavras. Percebi que a preocupação e a ansiedade eram tentações do demônio e que estavam destruindo minha paz. A escritura não mudou minha situação, mas mudou minha atitude. Passei a ter paz de espírito e fé no Pai Celestial em relação ao futuro."

Esta é uma das milhares de cartas que as revistas da Igreja receberam de membros a respeito de suas experiências com a leitura do Livro de Mórmon. Segue-se uma seleção destas reações:

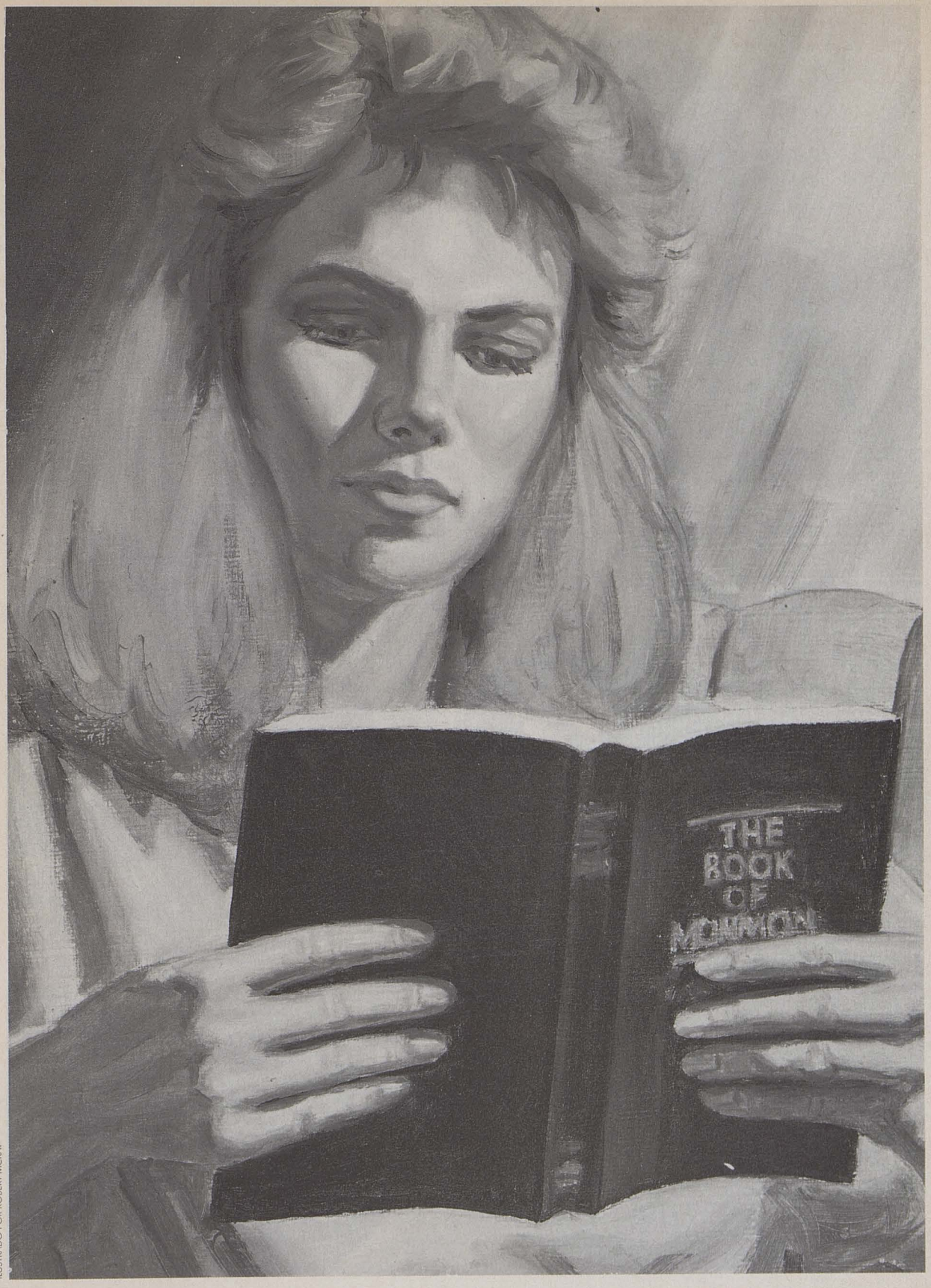
"CONHEÇO O MESTRE"

"Eu precisava de um segundo testemunho pessoal de Jesus Cristo", diz Jodi Burr, de Danville, Pennsylvania. "Queria conhecer a Cristo. Não tinha dúvidas quanto à sua existência e sacrifício expiatório, mas queria chegar a um conhecimento dele como pessoa e como Deus de amor. Ao reler o Livro de Mórmon nenhum versículo ou história em particular deu-me o que eu buscava. Meu conhecimento de Cristo, no entanto, se formou pouco a pouco ao estudar a respeito dele nos relatos do Livro de Mórmon.

Prestei testemunho na reunião sacramental e minha alma ficou repleta do Espírito Santo ao receber o que havia desejado — um segundo testemunho de Jesus Cristo. Depois da reunião na Igreja, uma frase era repetida constantemente em meus pensamentos: 'Conheço o Mestre, conheço o Mestre'. Este testemunho é inestimável para mim. O que me fora dado naquele dia era exatamente o que eu buscara — 'e aconteceu' lendo o livro de Mórmon."

A METAMORFOSE DO LIVRO DE MÓRMON

"Quando pesquisador, deparei com um exemplar do Livro de Mórmon, amarelado e embolorado pelo tempo. A capa estava dura, como se nunca tivesse sido tocada", diz Janet Spear, de South Glass Falls, Nova York. "Mas quando o peguei, fui tomada de enorme alegria, e um



ILUSTRADO POR ROBERT MCKAY

Embora eu orasse freqüentemente por um "testemunho seguro" do Livro de Mórmon, não recebi os resultados que queria — até o dia em que meu companheiro e eu ensinamos um senhor idoso.

sentimento de grande alívio me envolveu. Naquele dia comecei a ler o Livro de Mórmon pela primeira vez. Minha alma estava faminta de alimento espiritual, e comecei a banquetear-me com as palavras.

As palavras tocaram-me profundamente quando li Alma 13:27: '(Abandonai) vossos pecados e não demoreis o dia de vosso arrependimento'. Sentindo o desejo de ajoelhar-me, abri minha alma em oração. Em meu coração o Espírito Santo disse: 'Esta jornada terminou. É hora de começar outra'.

Providenciei para que os missionários me ensinassem o evangelho. Foi maravilhoso. Nunca sentira tamanha alegria! Desde o batismo, o Livro de Mórmon tem sido meu companheiro constante. Ele me incentiva, inspira, e ensina. Suas palavras mostraram-me a maneira certa de viver, não simplesmente de existir. Verdadeiramente passei por uma metamorfose."

"POR QUE NÃO O LÊ PARA MIM?"

Um sábado de manhã, Bob e Paula Kraemer, de Chandler, Arizona, estavam sentados sob sol quente, observando seus filhos brincarem no quintal. Paula, que acabara de voltar à atividade na Igreja, pegou o Livro de Mórmon e começou a lê-lo. Bob, que não é membro da Igreja, perguntou a Paula o que estava lendo.

"O Livro de Mórmon", respondeu Paula.

"Por que não o lê para mim?" perguntou Bob casualmente.

Paula ficou surpresa com o pedido. Durante treze anos de casamento, ela não se lembrava de ter lido o Livro em voz alta para o marido. Com voz hesitante, e uma oração no coração, Paula começou a ler: "Eu, Néfi, tendo nascido de boa família . . ." (1 Néfi 1:1). Ela leu durante duas horas naquele dia e continuou, em outras ocasiões, a ler o Livro de Mórmon para Bob.

"Alguma coisa importante aconteceu naquela manhã", diz Paula. "Bob e eu começamos a nos comunicar com respeito à Igreja. Com esse diálogo aberto recém-descoberto, Bob começou a ver o quanto a Igreja era importante para mim, e eu aprendi a ser grata por seu apoio, em vez de ficar a criticá-lo. Recentemente, passei pelo Templo do Arizona, recebi a investidura, e Bob me apoiou totalmente.

Agora, quando leio o Livro de Mórmon, percebo que ele é mais do que palavras em uma página; seu espírito fez milagres em minha vida, simplesmente por ler sua mensagem para alguém que amo."

"ELE CONFORTOU-ME"

"Faltavam apenas duas semanas para o Natal. Como eu poderia suportar a morte recente de meu filho de oito anos?" diz Lyn McGuire, de Draper, Utah. "Certa noite, quando todos dormiam, saí da cama e fui à sala de estar sentar-me perto da árvore de Natal. Perguntei ao Pai Celestial como poderia suportar as festas e os anos vindouros. Enquanto orava, lembrei-me de um 'velho amigo' que me confortaria — meu Livro de Mórmon. Peguei-o e comecei a ler. Não me lembro do que li; apenas senti que fui confortada. Ao lê-lo, chorei, e senti-me aliviada. Era como colocar meus fardos sobre os ombros de um amigo."

"EU QUERIA TER CERTEZA"

Sam Walker, de Shelley, Idaho, cumpria missão na Argentina há duas semanas, quando decidiu aceitar o desafio de Morôni 10:4:

"Eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Jesus Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade pelo poder do Espírito Santo."

Esperou até que seu companheiro dormisse, e foi ao banheiro para orar em particular.

"Vesti o casaco por cima do pijama, porque nosso banheiro não tinha telhado", diz élder Walker. "Ainda me lembro de ajoelhar no chão duro e úmido. Enquanto orava, tentei ouvir atentamente a voz mansa e delicada. Quando senti que não agüentaria mais ficar ajoelhado, terminei a oração e voltei para a cama."

Élder Walker continuou a orar por um "testemunho seguro" do Livro de Mórmon, mas sem os resultados que esperava. Certo dia, ele e seu companheiro estavam ensinando um cavalheiro idoso.

"Um espírito extraordinário começou a tomar conta da sala enquanto eu e meu companheiro ensinávamos esse homem a respeito do Livro de Mórmon", lembra o élder Walker. "Repentinamente, meu companheiro parou e olhou para mim. Sabia que era minha vez de prestar testemunho da veracidade do Livro de Mórmon. Não me recordo exatamente o que disse, mas lembro-me do calor do Espírito Santo testificando a mim. Esse sentimento crescia mais enquanto eu prestava testemunho ao nosso amigo, de que o Livro de Mórmon era verdadeiro. Por fim, estava seguro da veracidade do Livro de Mórmon, que eu buscara."

"TENTAVA NÃO GRITAR"

"Sendo a mais velha de seis filhos, muitas vezes tive que ficar tomando conta dos outros", diz Ruth Ann Wheelwright, de Fort Worth, Texas. "Parecia que eu achava difícil 'presidir' em paz, e por isso eu gritava bastante. Gritava até com meus amigos. Meus pais não gostavam que eu gritasse, e eu também não gostava. Tentava não gritar, mas havia momentos em que eu achava que explodiria se não gritasse com alguém".

Quando Ruth Ann foi para a Universidade Brigham Young, o professor de religião desafiou a classe e ler as escrituras durante trinta minutos todos os dias. Eles não deveriam apenas ler as escrituras; deveriam banquetear-se com elas. Como gostava muito de ler, ela aceitou o desafio facilmente.

"Quando fui para casa naquele verão", diz Ruth Ann, "continuei a ler as escrituras durante a semana. Aos sábados e domingos, porém, negligenciava a leitura. Sabem o que aconteceu? Comecei a gritar com meus irmãos novamente. Fiquei chocada. Imediatamente passei trinta minutos lendo o Livro de Mórmon. Durante o resto do dia eu não gritei. No final do verão, meu impulso de livrar-me das frustrações gritando começou a diminuir e nossa vida familiar começou a ficar muito mais calma. Eu não poderia ter vencido o hábito de gritar sem a ajuda do Livro de Mórmon."

"OS PESADELOS ME PERTURBAVAM DESDE A INFÂNCIA"

"Duas ou três noites por semana eu levantava, assustada, sem conseguir voltar a dormir. Por fim, comecei a ter medo do próprio sono", diz Jan Sara, de South Jordan, Utah. "Amigos tentaram ajudar-me, deram sugestões, mas nada adiantou. Todas as noites eu pedia ao Pai Celestial que pudesse ter uma boa noite de sono, porém todas as noites acordava com medo. Comecei a me perguntar o que estava errado comigo.

Certa noite, ao ajoelhar-me para orar, em vez de pedir ao Pai que me ajudasse a dormir, perguntei-lhe o que eu poderia fazer para livrar-me desses sonhos terríveis. Um forte sentimento veio a mim para que lesse as escrituras antes de dormir. Peguei o Livro de Mórmon e o abri em Alma 37:37: 'Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer . . . ; sim, quando te deitares, à noite, repousa no Senhor, que ele velará por ti em teu sono'. Desde aquela noite, mudei o horário de leitura das escrituras da parte da manhã para antes de ir para a cama. A paz que senti ao meditar no Livro de Mórmon ajudou-me a dormir, e os pesadelos acabaram".

UMA ORAÇÃO DE GRATIDÃO

"Certo dia, ao orar, o Espírito me inspirou a agradecer ao Pai Celestial pelos profetas que escreveram o Livro de Mórmon", diz Ruth Roess, de Castaic, Califórnia. "Já orou e sentiu o coração tão cheio de alegria, paz, gratidão e humildade que não queria que terminasse? E a oração é tão bela que se pergunta de onde se originou? E se sente tão perto do Pai Celestial que sua alma explode de alegria? Bem, foi isso que aconteceu comigo ao expressar gratidão pelos profetas do Livro de Mórmon."

É fácil ver que muitos membros estão colhendo os benefícios da leitura do Livro de Mórmon, como o Presidente Ezra Taft Benson prometeu em seu discurso na conferência geral de abril de 1986.

"Abençôo-vos com melhor compreensão do Livro de Mórmon", disse o Presidente Benson. "E vos prometo que, a partir deste momento, se nos banquetearmos diariamente em suas páginas e agirmos segundo seus preceitos, Deus derramará sobre todo filho de Sião e a Igreja uma bênção tal qual ainda não se viu." □

Mais de Uma Maneira de Estudar o Livro de Mórmon

As cartas que recebemos provaram que há mais de uma maneira de estudar o Livro de Mórmon:

ESCREVER OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

"Eu queria obter algum resultado concreto da leitura do Livro de Mórmon," diz Lynn Ford, de Provo, Utah. "Peguei um caderno e escrevi os princípios fundamentais que aprendi com a leitura e como esses princípios se aplicavam a mim pessoalmente. Agora, quando estou desanimada, posso olhar meu caderno e encontrar incentivo e orientação."

FOTOGRAFIA DE JOHN LUKE

OUVIR O ESPÍRITO

"Em vez de tentar lembrar pormenores específicos do Livro de Mórmon, concentrei-me em ouvir o Espírito enquanto lia", diz Owenna Nagy, de Collegeville, Pennsylvania. "O simples gesto de abrir as escrituras e lê-las era como dizer ao Senhor: 'Quero aprender a vosso respeito'. Embora haja grandes lições a serem aprendidas com a vida de Néfi, Mosiah, rei Benjamim, e outros, encontrei uma fonte inesgotável de força pessoal escondida nas entrelinhas.

ORAR TAMBÉM

"Muitas vezes, ao ler o Livro de Mórmon, encontro coisas que não entendo", diz Robert Turner, de Radford, Virgínia. "Nessas ocasiões, paro e oro até sentir paz dentro de mim. Isso se transformou de tal maneira em hábito, que, muitas vezes oro a respeito de quase toda página. Como resultado, tenho um forte testemunho do Livro de Mórmon."

MANTER UM DIÁRIO

"Mantenho um diário há muitos anos" diz Michelle Sandberg, de Loveland, Colorado. "Mas era parecido com as placas maiores de Néfi — uma história secular de datas e acontecimentos. Senti um desejo de começar uma história religiosa ou sacra de minha vida depois de ler a maneira como foram mantidos os registros de Néfi no Livro de Mórmon. Resolvi começar a fazer minhas próprias 'placas menores' para prestar testemunho de Deus, nosso Pai, de Jesus Cristo e do amor deles a nós."

LER PELO MENOS QUINZE SEGUNDOS POR DIA

"Quando fui desafiada na Sociedade de Socorro a ler o Livro de Mórmon pelo menos quinze segundos por dia durante um mês, sabia que tinha de aceitar o desafio. Mesmo ocupada como era, eu tinha quinze segundos para dedicar às escrituras", diz Carol Lorange, de Sandy, Utah. "Ao fim de um mês, habituei-me a ler o Livro de Mórmon — e, claro, sempre acabava lendo mais do que quinze segundos."

LER NOVAMENTE O LIVRO DE MÓRMON

"A terceira vez que li o Livro de Mórmon, buscando um pouco de luz em minha vida escura, encontrei-a", diz Marian Hayes, de Rexburg, Idaho. "Levei um ano e meio lendo todos os dias enquanto meus filhos cochilavam, mas terminei o Livro de Mórmon e encontrei a luz do Salvador, o Príncipe da paz." □

WHANG KEUN-OK

Ela Cuidou das Crianças da Coréia

Acima: **As meninas do orfanato recebem doação de presentes de Natal.** ***À direita:*** **Em 1990, a irmã Whang visitou, na Cidade do Lago Salgado, algumas das meninas que agora moram nos Estados Unidos. Da esquerda para a direita: Suzette (Sooyun) Marble, Jini Roby, e Eun Ju Kim.**

FOTOGRAFIA: CORTESIA DE JINI ROBY

Shirleen Meek Saunders

Trinta meninas assustadas colocaram seus poucos pertences em seus xales e caminharam lentamente pelas ruas de Seul, na Coréia do Sul, em direção à casa de Whang Keun-Ok. A casa não era suficientemente grande para abrigar tantas pessoas, e as meninas não sabiam como seria a vida fora da segurança relativa do orfanato onde haviam crescido. Desejavam, porém, seguir a mulher que amavam e em quem confiavam como em uma mãe. Também queriam fazer parte da igreja para a qual o exemplo dela as havia levado: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias.

A peregrinação naquela noite de novembro de 1969 marcou o início da Casa Tender Apples (N. do T. maçãs macias) da irmã Whang — um dos projetos de caridade que ela considera como parte de sua missão na vida.

O SONHO DE SERVIR

O sonho da irmã Whang de servir, começou muito antes, quando era jovem, na Coréia ocupada pelos japoneses. Presbiteriana devota, Whang Keun-Ok trabalhava em uma fazenda durante o dia, e à noite orava para que pudesse ir à escola a fim de trabalhar para Deus.

FOTOGRAFIA: CORTESIA DE JINI ROBY

***Esquerda*: Irmã Whang, última à esquerda, distribui alimento às crianças, após uma apresentação do coro. Direita: "A avó", vista aqui com algumas das meninas, era a superintendente assistente da irmã Whang na Casa Tender Apples.**

Ela esperava estudar medicina, porque seu povo estava morrendo por falta de cuidados médicos adequados, mas, devido à condição de submissão das mulheres na sociedade coreana, isso parecia uma meta impossível.

Com o tempo, entretanto, suas orações foram respondidas. Ela conseguiu freqüentar uma escola primária em Jeryung e em Seul, trabalhando para pagar os estudos. Estudou muito, destacou-se na escola. Depois da formatura, matriculou-se em um curso de enfermagem.

A vida, no entanto, estava difícil em seu país. Havia muita pobreza por toda a parte, e o povo coreano não podia falar a própria língua nem seguir seus costumes culturais. A própria irmã Whang foi expulsa da escola por não adorar o imperador japonês. Devido a essa perseguição, Whang Keun-Ok e vários amigos juraram dedicar a vida à tentativa de fazer com que outras pessoas não tivessem de enfrentar as mesmas dificuldades. Posteriormente, depois que a Coréia obteve a independência, usaram sua determinação para cuidar das vítimas das guerras que destruíram a Coréia — particularmente as crianças.

Quando as Forças Aliadas libertaram a Coréia, em 15 de agosto de 1945, a irmã Whang comenta que "todas as criaturas, até mesmo as árvores e montanhas, pareciam regozijar-se com a liberdade pela qual havíamos lutado durante tanto tempo". A alegria não durou muito. O país foi dividido. Os comunistas controlaram a parte norte da Coréia, e muitas pessoas tentaram escapar para o sul. A irmã Whang saiu da Coréia do Norte no último trem que partiu antes da construção do muro que separou a Coréia do Norte da Coréia do Sul. Ela não vê a família desde aquele dia. Imediatamente começou a trabalhar em campos de refugiados, ensinando as crianças e cuidando dos que tinham fome e frio.

UM TRABALHO DE MISERICÓRDIA

"Orei por minha solene missão", diz ela. "Eu sabia que desejava ajudar o maior número possível de pessoas pobres, embora não achasse que tinha capacidade, habilidade, ou poder para isso. Para fazer esse trabalho, eu teria de sacrificar meus bens materiais, e fortalecer-me muito espiritualmente."

O trabalho de irmã Whang nos campos de refugiados levou-a a mudar de carreira, passando da enfermagem para o magistério, mas depois de seis anos, em novembro de 1958, decidiu que para atingir a meta de ajudar os pobres, precisava de mais instrução. O ministro de sua igreja incentivou-a a inscrever-se em um program de intercâmbio na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Ela foi aceita. Com o dinheiro que economizara, ensinando, e a promessa de uma licença remunerada de um ano, da escola, matriculou-se.

Pouco depois de chegar aos Estados Unidos, Whang Keun-Ok conheceu dois estudantes coreanos da Universidade Brigham Young, que estavam trabalhando em Berkeley durante o verão. Eles a incentivaram a ir para Provo, Utah. Quando visitou o campus da BYU, no outono de 1959, adorou as montanhas e ficou impressionada com a fé dos santos dos últimos dias. Ela passou os três anos seguintes lá, fazendo assistência social. Bem pouco depois de voltar para a Coréia, em junho de 1962, procurou os missionários e foi batizada.

***Esquerda*: Algumas das crianças menores do orfanato com duas funcionárias.**
***Direita*: A criança da frente, Cindy Nielson Dixon, é agora adulta e mora em Utah.**

Em 1965, a irmã Whang foi indicada para ser superintendente do Orfanato Song Jook. Jini Roby, que viveu no orfanato dos onze aos quatorze anos, lembra-se de que a irmã Whang "estava sempre correndo de lá para cá, e de cá para lá, mas sempre tinha um sorriso. Sabia os nomes de todos e o que estávamos fazendo, e interessava-se pela situação pessoal de cada uma".

CANÇÕES DE ESPERANÇA

Menos de dois anos depois que a irmã Whang assumiu a superintendência, Stan Bronson chegou à Coréia. Nascido em Blanding, Utah, Stan foi designado para a 8ª base do Exército dos Estados Unidos em Seul, e queria passar as horas de folga trabalhando em algo útil. Decidiu que ajudar crianças seria a melhor coisa a fazer. Ao informar-se sobre os orfanatos da área, os membros da Igreja lhe disseram que procurasse a irmã Whang.

Quando Stan, que tinha 1,93m, conheceu a irmã Whang, ficou impressionado com seu ar de dignidade e autoconfiança, mas ficou ainda mais impressionado pela maneira como ela o fez sentir-se à vontade. "Ela tem um espírito maravilhoso", diz ele, "É dedicada, agradável, educada — uma dessas pessoas que sabemos estarem sinceramente interessadas em nós".

Stan lhe disse que sabia tocar violão e que gostaria de ensinar algumas músicas às crianças. "Fui ao orfanato alguns dias depois, orgulhoso de mim mesmo e pronto a elevar-lhes o espírito", lembra Stan. "Então a irmã Whang disse: 'Antes de cantar, irmão Bronson, as crianças prepararam algo para o senhor'. Durante meia hora, ouvi belíssimas músicas — e senti-me bastante humilde".

Stan organizou um coro com as meninas e ensinou-lhes outras músicas. "O Riachinho Dá" tornou-se uma de suas músicas preferidas, porque irmã Whang e Stan lhes ensinaram que todas tinham alguma coisa para dar, por menor que fosse. Stan (que as crianças chamavam de Pai das Botas Grandes, por causa de seus pés grandes) e as meninas começaram a se apresentar nas bases militares dos Estados Unidos. Naquele outono, eles gravaram um disco. *Pai Botas Grandes e o Coro das Meninas de Jook Won.*

"O grupo musical animou muito as meninas", lembra Stan. "Fez com que elas deixassem de ser consideradas pessoas *surregi* — que significa lixo — e transformou-as em celebridades. Elas tinham um disco, cantavam na televisão do país, e recebiam muita atenção do embaixador dos Estados Unidos e do presidente da Coréia do Sul."

A irmã Whang queria muito o sucesso do coro. Ela esperava usar o dinheiro das apresentações para construir uma escola para elas e outras crianças pobres que não podiam pagar os estudos. Stan diz que ela era "um gênio em relações públicas".

"Por exemplo, quando o disco foi lançado, ela me disse que teríamos uma festa na escola para apresentá-lo. Disse que iria convidar o Presidente Park Chung Hee, presidente da Coréia do Sul; o embaixador William J. Porter; e o general Charles H. Bonesteel, líder das forças militares das Nações Unidas. 'Como vai fazer com que essas pessoas tão importantes compareçam?' perguntei. Ela riu. 'Bem, no convite do presidente Park eu disse que o embaixador Porter e o general Bonesteel foram convidados.' No do embaixador Porter, eu disse que os

Stan Bronson, *à esquerda*, soldado dos Estados Unidos, ajudou as meninas a formarem um coro de oitenta vozes. Juntos, eles também participaram de vários passeios, *à direita*. O irmão Bronson, que recebeu em 1968 o prêmio de Grande Irmão da Coréia, mora agora em Utah e ainda mantém contato com muitos dos membros do coro.

outros haviam sido convidados. O embaixador e a esposa compareceram, e também a esposa do general. O presidente Park, que não estava na cidade, mandou um de seus auxiliares mais importantes."

Nesse meio tempo, as meninas ficaram sabendo que Stan era um santo dos últimos dias. "Algumas de nós nunca tínhamos ouvido falar nos mórmons antes, e algumas pensavam que eles fossem pagãos", diz Jini. "Mas a única coisa que parecia diferente em relação a Stan é que ele era muito alto. Certo dia, dissemos-lhe: 'Você é uma pessoa tão simpática! É difícil acreditar que seja mórmon.'

'Por que?' perguntou ele. 'Sua superintendente é mórmon.'"

Jini estava traduzindo a conversa para as meninas, e lembra que ficou estupefata, enquanto as outras meninas pediam que lhes contasse o que Stan dissera. Como o orfanato era patrocinado por outra religião, a irmã Whang concordara em não falar de suas crenças. As meninas sabiam que ela era cristã, e mais nada além disso.

Por causa da reação do grupo, Stan percebeu que dissera algo que não devia, mas era tarde demais. As meninas começaram a fazer perguntas à irmã Whang sobre sua igreja. Quando a instituição religiosa que mantinha o orfanato soube disso, as autoridades disseram à irmã Whang que ela teria de converter-se à igreja deles, ou procurar outro emprego.

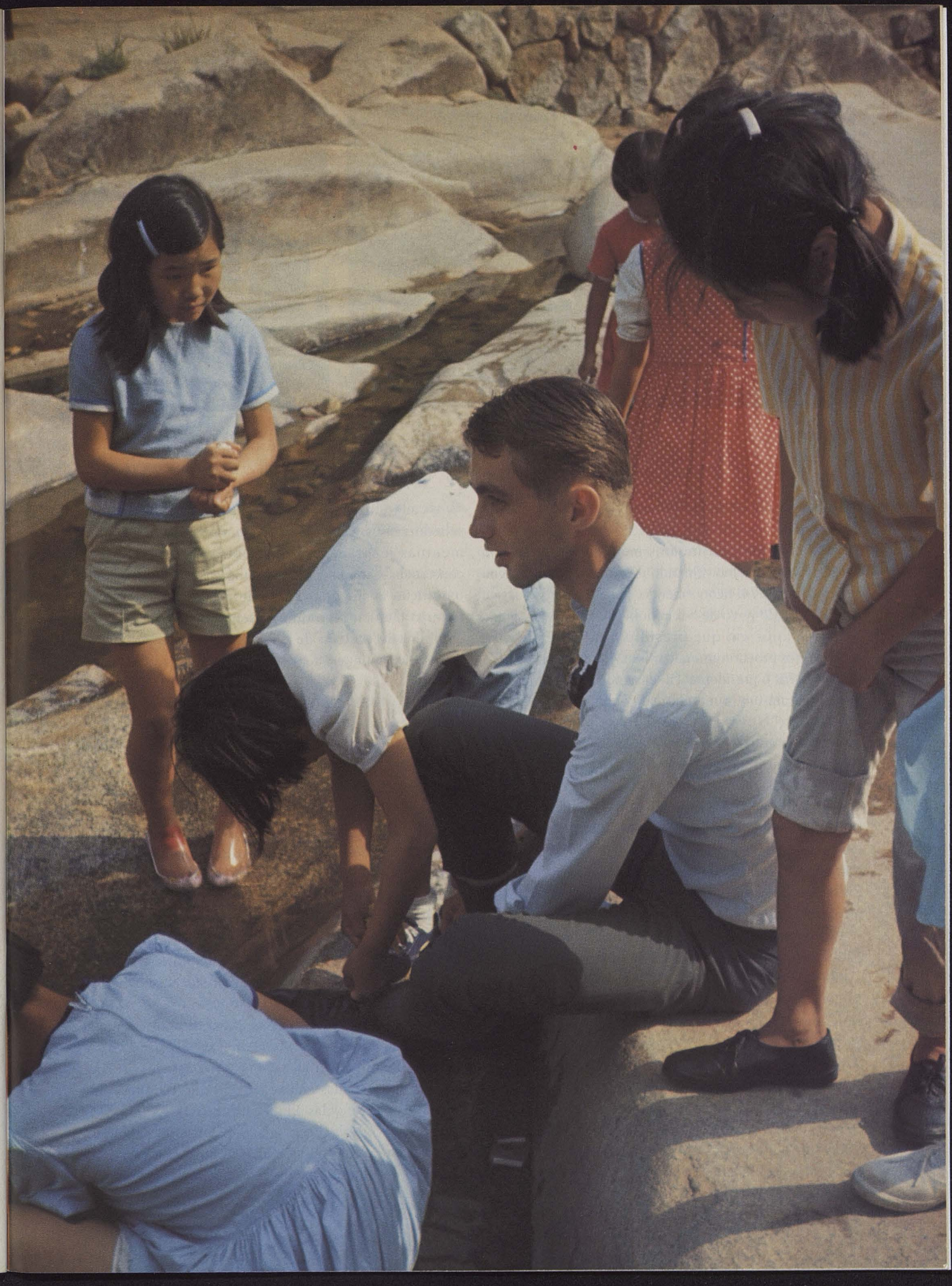
A CASA DAS MAÇÃZINHAS

Foi então que a irmã Whang decidiu montar seu próprio orfanato — a Casa das Maçãzinhas. As meninas que estavam interessadas na Igreja receberam permissão para irem morar com ela.

Sustentar o orfanato era um desafio constante. Stan pôs-se em campo nos Estados Unidos para arrecadar dinheiro e procurar patrocinadores para as meninas, e diz que a irmã Whang estava constantemente tentando conseguir apoio financeiro. "Ela sabia enternecer o coração das pessoas e fazer com que acreditassem em seu trabalho", relata ele. "Acho que era por causa de sua sinceridade."

Eugene Till, que foi presidente da Missão Coréia do Sul de 1974 a 1977, crê que a persistência da irmã Whang também desempenhou um papel importante. "Ela dizia o que precisava e não aceitava menos", diz ele. "Ela nunca tirava os olhos de um objetivo, até atingi-lo. Pode-se entender esse tipo de determinação quando a pessoa ganha alguma coisa com seu trabalho. Quando, porém, os resultados dos esforços da irmã Whang apareciam — roupas, dinheiro, comida — ela não ficava com nada para si".

Tão importante quanto sustentar as meninas materialmente era dar-lhes oportunidades de sentir o Espírito. Jessica Lyon Ohn passou três anos na Casa das Maçãzinhas, a partir de janeiro de 1975. Ela conta que as meninas começavam o dia às seis horas, cantando um hino, orando e estudando as escrituras. A irmã Whang se levantava antes que as meninas, para poder orar e estudar as escrituras; depois acendia as lareiras para que a casa estivesse aquecida quando as meninas levantassem. As noites de segunda-feira eram reservadas para a noite familiar, e a irmã Whang providenciava dinheiro para o ônibus, a fim de que as



meninas pudessem freqüentar a Igreja todos os domingos.

A irmã Whang ensinou as meninas a ajudarem a propagar o evangelho. Quando o presidente Till chegou à Coréia em 1974, ficou sabendo, por uma pesquisa, que apenas 10% do povo de Seul conhecia o nome da igreja. Nos três anos em que presidiu a missão, ele e os missionários procuraram mudar isso. Com a permissão da irmã Whang, o presidente Till designou vários élderes — que formaram um grupo musical conhecido como "New Horizon" ("Novo Horizonte") — para trabalhar diretamente com o coro das Maçãzinhas para fazer um espetáculo musical que apresentasse o evangelho ao povo da Coréia.

O grupo tornou-se muito popular. Com tudo isso, lembra o presidente Till que a irmã Whang "ensinou às meninas que não deveriam ficar muito orgulhosas, porque estavam apenas fazendo o que deveriam fazer". Em três anos, mais de 70% da população de Seul reconhecia o nome da Igreja.

Um dos objetivos principais da irmã Whang era fazer com que o maior número possível de suas meninas fossem adotadas por famílias mórmons. Das oitenta e quatro crianças que ela criou, num período de quase vinte anos, trinta e três foram adotadas por famílias da Igreja nos Estados Unidos. Doze casaram no templo e nove cumpriram missão de tempo integral.

Também era de importância fundamental para a irmã Whang que as meninas aprendessem a ter responsabilidade e que fossem tratadas como iguais. Cada uma delas recebia pequenas designações domésticas — preparar a comida, lavar a roupa, limpar — e cada uma deveria usar os recursos da casa com sabedoria. Jessica lembra de uma ocasião em que as meninas jogaram fora uma blusa que poderia ser consertada. Quando a irmã Whang a achou no lixo, deu uma lição às meninas sobre desperdício. Depois, na reunião familiar seguinte, presenteou todas com uma caixinha de costura de plástico, cheia de agulhas e linhas, e ensinou-as a remendar roupas.

PREOCUPANDO-SE AINDA COM SUAS MENINAS

Embora as meninas tenham crescido e não morem mais com ela, a irmã Whang ainda se preocupa com elas. Rosemarie Slover, antiga superintendente do Templo de Seul Coréia, diz que quando ela e o marido, Robert, voltaram a Provo, Utah, há dois anos, a irmã Whang lhes pediu que verificassem como estavam as meninas que moravam em Utah, especialmente uma que acabara de sair da Coréia e deveria estar com saudades de casa. A irmã Whang se corresponde com muitas de suas meninas, e seu quarto parcamente mobiliado — ela agora aluga o resto da casa de Seul — está cheio de fotos delas e de suas famílias.

E as meninas têm a mesma preocupação com sua "mãe". Em outubro de 1990, ela foi aos Estados Unidos para acompanhar várias crianças que estavam sendo adotadas por famílias americanas. Muitas meninas que cantaram no coro das Maçãzinhas viajaram grandes distâncias para vê-la. O presidente Till fala de tê-la visto cumprimentar suas "filhas" com um largo sorriso e com lágrimas nos olhos. Quando cada uma chegava, muitas

***Na extrema esquerda*: Todos ficaram tristes quando o "Pai Botas Grandes" terminou o serviço militar na Coréia. *Esquerda*: O coro e o disco foram filmados com o apresentador de TV dos Estados Unidos, Art Linkletter. *Direita*: Em 1968, a irmã Whang ofereceu um disco e uma placa ao embaixador dos Estados Unidos na Coréia.**

FOTOGRAFIA DO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS

vezes acompanhada do marido e dos filhos, a irmã Whang reunia o grupo em um grande e apertado abraço, como se nunca fosse largá-los.

"Nunca vi a irmã Whang tão emocionada", lembra o presidente Till. "Fiquei muito comovido quando pensei no que poderia ter acontecido àquelas meninas sem ela. Algumas delas provavelmente não teriam sobrevivido. As outras provavelmente teriam acabado em situação bem difícil, ou morando na rua. A irmã Whang realmente proporcionou salvação física àquelas meninas — e deu-lhes a oportunidade de salvação espiritual levando-lhes o evangelho."

UM CORAÇÃO EM QUE CABE O MUNDO

O altruísmo da irmã Whang vai além de suas meninas e atinge a todos que conhece. "Ela tem um coração grande o suficiente para caber o mundo", diz Jini, sorrindo. "Consegue aceitar e amar qualquer pessoa". Jini percebeu isso claramente há três anos e meio, quando foi para a Coréia encontrar o irmão, do qual fora separada havia vinte e oito anos. Ele se tornara alcoólatra, mental e fisicamente doente. Não tinha casa, nem dinheiro, nem emprego — nada além dos andrajos que lhe cobriam o corpo. Jini foi forçada a interná-lo em uma instituição do governo.

Uma vez que era exigido que os familiares fornecessem os objetos pessoais dos pacientes, Jini telefonou à irmã Whang, perguntando se poderia deixar dinheiro, e se a irmã Whang telefonaria à instituição de vez em quando para saber se o irmão tinha tudo de que precisava. A irmã Whang concordou prontamente, mas em vez de telefonar, ela ia visitar o rapaz todas as semanas. Naquela ocasião ela era diretora de uma pré-escola, mas regularmente passava quase um dia inteiro sem trabalhar para preparar guloseimas para o irmão de Jini. Ia de ônibus até à instituição, depois sentava-se com ele e segurava-lhe a mão — embora a reação dele fosse mínima.

"Eu não podia acreditar que ela estivesse fazendo aquilo", diz Jini. "Ela nem conhecia o rapaz. Mas a irmã Whang dizia: 'Espero ansiosamente o dia das visitas.'"

"Se alguma vez houve anjos ministradores, ela é um deles", diz Stan Bronson. "Creio de todo o coração que ela foi mandada pelo Senhor com esses propósitos."

Com tudo isso, a irmã Whang — uma das pioneiras do evangelho na Coréia — fez tudo o que pôde para ajudar a edificar o reino de Deus na terra. Serviu durante muitos anos como presidente da Sociedade de Socorro do distrito e da estaca, e trabalha no templo desde que o templo de Seul foi aberto, em 1985.

Pediu para oficiar dois dias por semana, e não apenas um, como é o normal, relata Robert Slover, ex-presidente do templo. Por que? "Ela diz que é a obra do Senhor", explica Suzette Marble, "e ela faria qualquer coisa por ele — muito feliz".

O exemplo da irmã Whang mudou a vida de todos os que a conhecem. "Ela nunca fala sobre o que fez, e continua fazendo seu trabalho à sua maneira calma e silenciosa", comenta a irmã Slover.

"Penso nela todos os dias", diz Jini, "e considero-a um exemplo. Ela me ensinou que uma pessoa pode modificar muita coisa." □

ELDER JO

FOTOGRAFIA DE ANNE C. BRADSHAW. ELDER CARL ANDERSON E CORTESIA DO DEPARTAMENTO DE TURISMO DE BLACKPOOL.

FOLKETT

Compartilhando a Luz do Evangelho na Inglaterra

Anne C. Bradshaw

A cidade de Blackpool, no litoral da Inglaterra, pode parecer comum durante o dia, mas quando suas famosas luzes se acendem à noite, as ruas se transformam em um lugar de grande beleza.

O élder Jo Folkett pode parecer um inglês comum à primeira vista, mas a luz do Espírito transformou-lhe a vida e ajuda-o a apresentar a outras pessoas a beleza do evangelho.

SOMOS SEUS DEVEDORES

O élder Jolyon Soames Folkett é da ala Glenfield, Estaca Leicester, Inglaterra. Único missionário das Ilhas Britânicas que é paraplégico e usa cadeira de rodas. Élder Folkett venceu muitos obstáculos para estar onde está.

Logo no início da missão, élder Folkett sentia orgulho de estar servindo. "Eu costumava pensar: 'É extraordinário que eu tenha vindo a uma missão assim,' " dizia ele. "'Tinha uma boa desculpa para não vir, mas aqui estou.' "

Assim como as luzes decorativas iluminam a escuridão da cidade, o élder Jo Folkett, com sua fé, ilumina a vida do povo de Blackpool.

Então, certa manhã, no estudo diário do Livro de Mórmon, leu Mosiah 2:21–24. "Falava a respeito de serviço," diz ele sorrindo. "Dizia que se servirmos ao Senhor com toda nossa alma, ainda seremos seus devedores. Dizia que o Senhor quer que façamos tudo o que ele manda e que não sejamos orgulhosos — seja qual for nossa situação.

Isso realmente me fez sentir humilde. Pensei: 'Não sou tão extraordinário, assim, não é? Estou apenas fazendo o que é requerido de mim.' "

"Fazer o que é requerido" tem sido a diretriz de Jo nos últimos cinco anos. Antes disso, suas pernas eram iguais às da maioria das pessoas — ativas. Surgiu-lhe então um coágulo de sangue na espinha. Apenas uma em cada milhão de pessoas tem esse problema. Geralmente, são pessoas de meia idade, e sofrem lesão cerebral — ou morrem.

Jo sobreviveu, perfeitamente normal, com exceção do problema das pernas.

Apesar das freqüentes hospitalizações, ele se tornou cada vez mais alegre. E como confiava nas bênçãos do sacerdócio, desenvolveu um testemunho que agora faz dele um ótimo missionário.

A CAMINHO DA MOBILIDADE

Jo tem uma lembrança clara daquele momento crítico de sua vida. "Eu estava preparado, pelo Espírito, para receber a notícia de que minhas pernas ficariam paralisadas para sempre", recorda ele. "Assim, quando o médico, muito sério, me disse: 'Tenho algo para lhe dizer,' eu pensei que fosse: 'Desculpe, não há esperança. Você vai morrer.' Quando ele disse: 'Nunca mais vai andar', foi um alívio. Eu consegui aceitar aquilo".

Foi a parte fácil. Adaptar-se e aprender a fazer tudo de maneira diferente, porém, não foi fácil. Assim, Jo precisou descobrir como enfrentar reveses. Sua frase favorita, quando as coisas ficam duras, é: "Podemos rir ou chorar, mas quando rimos, as pessoas gostam mais de nós."

Jo realmente progrediu, tornando-se cada vez mais independente e ágil.

Seu testemunho também se tornou independente. Embora tenha sido criado na Igreja, Jo passou por um período de menor atividade. Acabou envolvendo-se com as pessoas erradas e fez algumas coisas que lamentou. Pouco a pouco, pela influência dos missionários e para deixar a mãe feliz, voltou para a Igreja.

"Foi enquanto eu estava no

hospital que decidi descobrir com certeza se a igreja era verdadeira", diz ele. "Tive muitas oportunidades de jejuar e orar no hospital, porque minhas internações duravam meses". (Sua espinha começou a curvar-se, necessitando de transplante com ossos das costelas.)

No final do primeiro jejum, o bispo da ala Aylesbury foi visitar Jo e ofereceu-se para levá-lo a um passeio de carro. "Entramos num belo bosque", lembra Jo. "Ao atravessarmos o bosque lentamente, lembrei-me da primeira visão de Joseph Smith. Tive uma impressão muito forte da mão de Deus em toda aquela beleza. Senti também claramente — esta é a Igreja do Salvador, e eu devo cumprir uma missão".

O testemunho de Jo nunca mais foi hesitante depois disso.

O COMPROMISSO DE SERVIR

Mais tarde, quando ele participou na ala de um debate em classe a respeito de missão, seu desejo de servir tornou-se mais forte. O professor, não querendo que ele se sentisse ignorado ou envergonhado pela ênfase dada à missão, comentou: "Lógico que Jo está justificado. Ele não poderá ir em uma cadeira de rodas".

"Aquilo realmente me motivou", exclama o élder Folkett. "Minha reação imediata foi: 'Sim, eu irei.'" Pouco depois, Jo recebeu a bênção patriarcal, que confirmou sua decisão; afirmava que ele iria servir e fazer proselitismo.

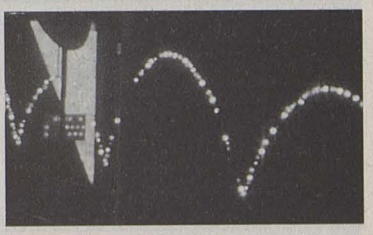
Antes de Jo sair para a Missão Manchester Inglaterra, tornou-se evidente o quanto sua nova atitude positiva em relação à vida o estava afetando. Ele participou de eventos esportivos para paraplégicos e venceu vários. Também se candidatou a um emprego do governo e foi aceito — mesmo depois de dizer-lhes que só poderia começar a trabalhar dali a dois anos. Eles aceitaram sua explicação, prometendo guardar a vaga especialmente para ele durante a missão.

NADA É IMPOSSÍVEL

Para Jo, bênçãos como essas compensam as dificuldades da vida. Ele até achou vantajoso servir em uma cadeira de rodas. "Devo ser o único missionário que vai passar os dois anos com um só par de sapatos", brinca ele. "Estes sapatos estão como novos!"

No entanto, há algumas desvantagens, como o número de pneus novos necessários para a cadeira de rodas especial. Jo economizou dinheiro para uma cadeira de rodas leve, de pneus finos e modelo esportivo antes de sair para a missão. A cadeira menor torna o trabalho na rua mais fácil e permite-lhe desenvolver uma agilidade surpreendente.

Ele costuma dizer outra coisa: "Podemos fazer qualquer coisa que



***Esquerda*: Apesar da chuva bastante forte, o élder Folkett e seu companheiro, élder Dean Beale, aproveitam a brisa do mar na calçada de Blackpool, importante cidade costeira britânica. *Acima:* Seja ensinando pesquisadores ou buscando contatos, o élder Folkett diz alegremente: "Estou fazendo apenas o que é requerido de mim."**

Acima: **O élder Folkett achou um elo de ligação com o pesquisador Kevin Smith.** ***Direita:*** **Os élderes Folkett e Beale dividem as tarefas domésticas no apartamento de missionários.**

quisermos, se for possível. Se for impossível, demora um pouco mais".

O companheiro de élder Folkett, élder Dean Beale, de Weston-super-Mare, Inglaterra, diz que gosta dessas atitudes do seu companheiro. "Depois de trabalhar com élder Folkett", diz ele, "aprendi que muitos que culpam Deus pelas aflições dos outros não são as próprias vítimas. As vítimas são, geralmente, pessoas que têm fé e humildade".

Como diz o élder Folkett: "Não devemos supor que a vida seja fácil. É um campo de provas. Se nos comportarmos, porém, e seguirmos o plano de Deus, no fim receberemos as bênçãos".

UM ENCONTRO IMPROVÁVEL

Muitas vezes as bênçãos são recebidas antes do fim, enquanto estamos a serviço do Senhor. Jo viu isso acontecer muitas vezes em sua missão — como no dia em que conheceu Kevin Smith.

Kevin se interessara pela Igreja devido ao bom exemplo de uma jovem santo dos últimos dias que trabalhava no seu escritório, e pedira um exemplar do Livro de Mórmon à ala de Blackpool. Jo e o companheiro se ofereceram para entregar-lhe a escritura.

"Àquela altura, eu não estava suficientemente interessado na igreja para permitir que os missionários fossem à minha casa", diz Kevin, que está confinado a uma cadeira de rodas há dezesseis anos. "Eu tinha uma imagem estereotipada dos élderes mórmons — jovens americanos altos, saudáveis, recém-saídos da universidade e que usavam ternos elegantes, com um sorriso de anúncio de pasta de dentes. Provavelmente não teria aberto a porta se eles fossem assim, mas lá estavam duas pessoas simples, um tão surpreso quanto eu por estar diante de outra cadeira de rodas."

"Kevin é uma pessoa maravilhosa", exclama élder Folkett, que ficou surpreso por encontrar seu pesquisador em uma cadeira de rodas. "Antes mesmo de chegar à casa dele, na primeira vez, senti que alguma coisa boa ia acontecer."

O élder Folkett e Kevin tornaram-se amigos no momento em que se encontraram, e Jo batizou Kevin não muito depois da primeira palestra.

A força do exemplo de Jo tem possibilidades eternas. Membros que eram menos ativos voltaram para a igreja por causa de seu exemplo. Ele compartilha o evangelho com todos os que estão dispostos a ouvir. E o presidente da missão aprecia muito seu "espírito bom e alegre".

Assim como a luz de Blackpool ilumina as trevas, assim também a fé luminosa de élder Jo Folkett enriquece a vida das pessoas que ele conhece.

Há uma centelha em seu testemunho, que não conhece nenhuma deficiência, ultrapassa fronteiras e transforma barreiras em bênçãos. □

ELDER FOLKETT

UMA LIÇÃO DE COMPREENSÃO

Guadalupe Ontiveros Ortiz

Verificando a referência recebida de um membro, minha companheira de missão e eu fomos à casa de uma jovem mãe. Batemos na porta da frente várias vezes antes que ela a abrisse e nos convidasse para entrar. Explicamos quem éramos e dissemos que uma vizinha nos havia dado seu nome. Ela nos recebeu bem e sentou-se à nossa frente, pronta para ouvir a primeira palestra missionária.

Sua filha, uma menina de dez anos, que se achava na sala conosco, não fez o menor esforço para se virar e olhar para nós. Ao contrário, aumentou o volume do aparelho de televisão. A mãe parecia acompanhar a palestra atentamente e não parecia incomodar-se com o barulho. Então, minha companheira prosseguiu com a apresentação.

Alguns minutos depois, a menina aumentou o volume novamente. O som estava tão alto que mal podíamos ouvir a mãe com clareza. Ainda assim não tomou nenhuma atitude e continuou a prestar atenção em nossa mensagem. Comecei a ficar muito irritada com o comportamento da menina e a falta de reação da mãe. Fiquei ainda mais contrariada quando percebi que a menina nem sequer assistia à televisão — ela estava desenhando em um pedaço de papel! Tentei aparentar calma, enquanto pensava: "Que criança terrível! Por que a mãe dela não diz nada?"

Eu estava com o pensamento longe dali quando a menina saiu da sala, deixando a televisão ligada. Que absurdo!

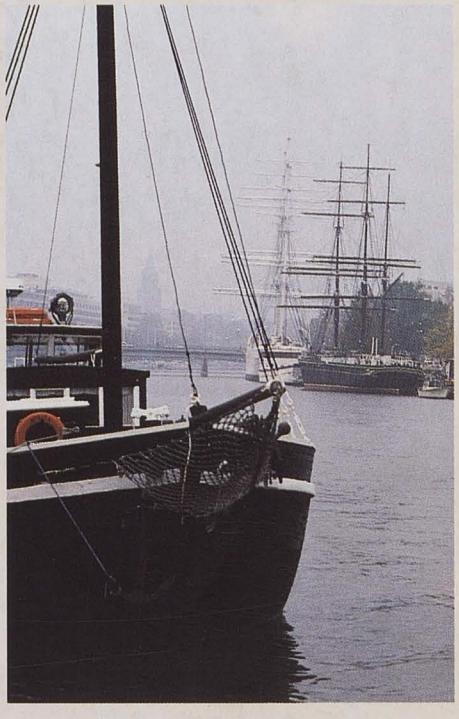
Pouco depois, porém, quando ela voltou, vi seu rosto pela primeira vez e percebi que tinha síndrome de Down; uma condição que causa retardamento mental. Olhei para aquela jovem mãe, totalmente compenetrada na mensagem de minha companheira. "Que mãe bondosa!" pensei. "Talvez não queira dizer nada à filha por causa de seu problema, ou talvez não queira interromper-nos."

Sentindo-me humilde, apresentei a segunda parte da palestra missionária. Então oramos, marcamos a próxima visita e conversamos informalmente com a mulher por alguns minutos. Ficamos espantadas ao descobrir que ela era surda e havia lido nossos lábios para entender a mensagem.

Quando saímos de sua casa, senti-me muito mal por haver me enganado ao julgar tanto mãe como filha. Nenhuma delas percebera como a televisão nos havia distraído.

Embora eu não demonstrasse meus sentimentos, não havia conseguido controlar os pensamentos. Fizera um julgamento com pouco ou nenhum conhecimento da situação. Desde aí, tenho sempre procurado controlar meus pensamentos e não ser tão rápida em julgar. □

A conversão de Alma, o filho, e dos filhos de Mosiah (Alma 36:6,24), de David Linn.
Premiada no Segundo Concurso Internacional de Arte, patrocinado pelo Museu de História e Arte da Igreja, esta pintura, composta por três painéis, ilustra a conversão de Alma, o filho, e dos filhos de Mosiah. O painel à esquerda retrata os jovens "procurando destruir a Igreja de Deus". No painel central, o anjo aparece, chamando-os ao arrependimento. E no painel à direita, eles pregam o Evangelho de Jesus Cristo.



Cantando juntas, Säde Metsätähti e Saria Karhunen exemplificam a harmonia dos santos finlandeses. Embora a Igreja não tenha crescido com tanta rapidez lá como em outras partes do mundo, os vínculos criados na ocasião do batismo e durante a integração de um recém-converso não se rompem facilmente entre esse povo conhecido por sua honradez. (Vide "Ouçam a Canção", página 8, e "Suomi Finlândia: Um Farol no Báltico", página 12.)